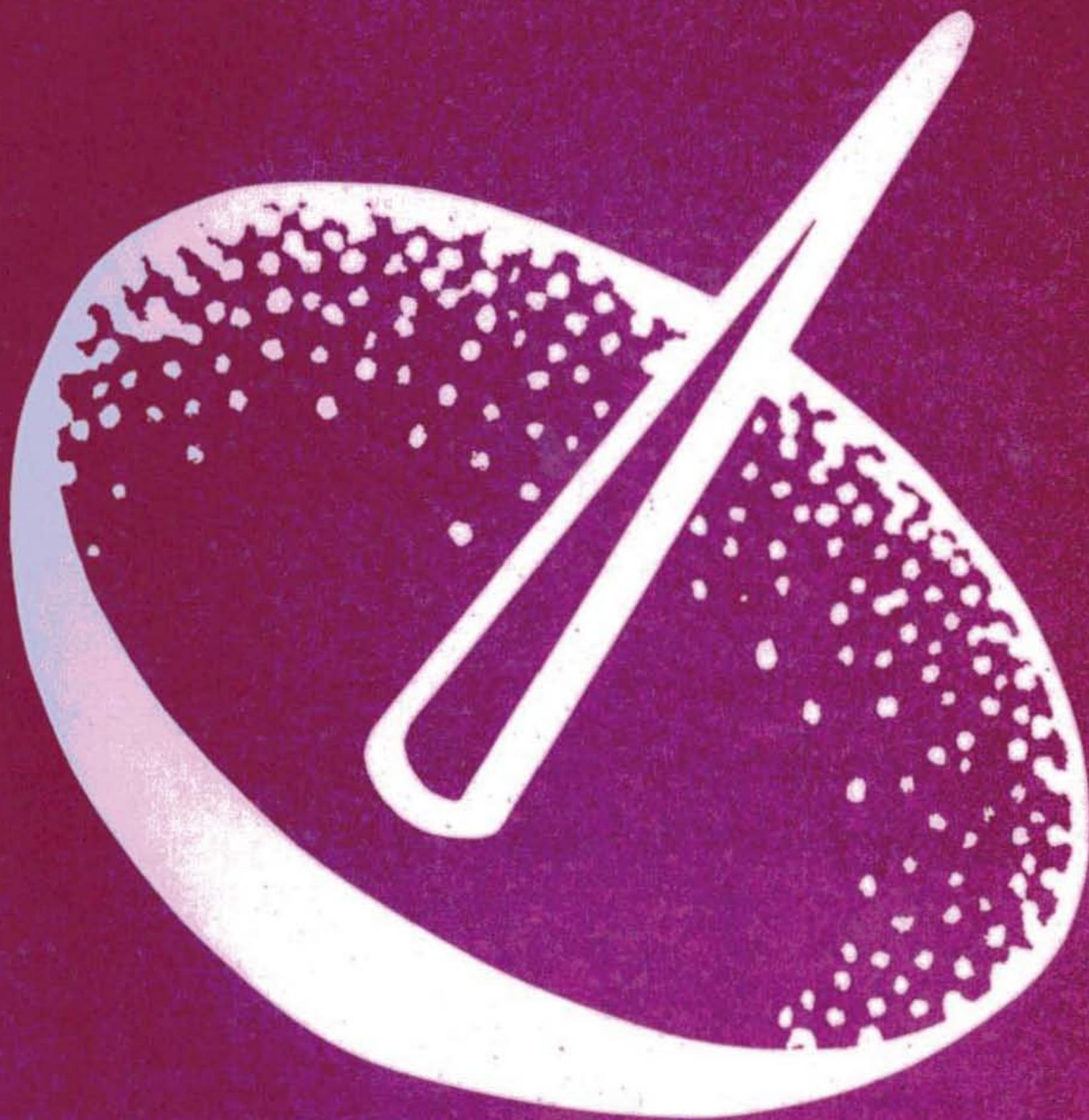


convergência

JUL/AGO — 1985 — ANO XX — N.º 184



- **VIVER A ESPIRITUALIDADE EUCARÍSTICA NA A. LATINA**
Maucyr Gibin, SSS — página 341
- **A VIVÊNCIA EUCARÍSTICA NAS ETAPAS INICIAIS DA
FORMAÇÃO À VIDA RELIGIOSA**
Ir. Arno Bonfleur, FSC — pág. 351
- **HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE**
Irmã Maria Margarete, FSC — página 359

CONVERGÊNCIA
Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil

Diretor-Responsável:
Ir. Claudino Falquetto, FMS

Redator-Responsável:
Pe. Marcos de Lima (Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Atico Fassini, MS
Pe. Cleto Caliman, SDB
Ir. Delir Brunelli, PIDP
Ir. Maria Carmelita de Freitas, FI

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar
20031 RIO DE JANEIRO — RJ

Assinaturas para 1985:

Brasil, taxa única, terrestre ou aérea:
Até 30.04.1985..... Cr\$ 46.150
Exterior: marítima..... US\$ 28,00
aérea..... US\$ 38,00
Número avulso Cr\$ 4.615

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição (foto e linotipo), revisão, paginação e impressão: Esdeva Empresa Gráfica Ltda., Rua Halfeld, 1179 — 36100 Juiz de Fora, MG

Nossa Capa

Esboço que sugere uma antena parabólica de transmissão e recepção de sinais televisivos e telerradiofônicos, símbolo do extraordinário progresso no campo da Informática, a transferência de informações codificadas. A antena parabólica é dispositivo essencial do sistema de comunicação, à distância, por ondas e microondas eletromagnéticas.

A realização de uma **Vida Religiosa**, pessoal e comunitária, conforme o Evangelho, precisa ser nossa real preocupação, de cada dia. Nesta tarefa, a **Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB)** quer desempenhar a função e o papel da antena parabólica rastreadora, ou seja: (1) Ser, facilmente, sintonizada em frequências diferentes. Não obstante tão numerosas as Congregações, cada uma encontra, nas atividades da CRB, o estímulo que afina, apura e define o próprio carisma. (2) Reduzir as interferências e

os ruídos estranhos, com firme adequação aos sinais complexos da atmosfera. Não sendo do mundo, a VR, todavia, se realiza no mundo. Busca, então, a CRB servir um alimento capaz de imunizar e criar anticorpos ao espírito do mundo. (3) Proporcionar emissão e recepção de sinais dotados de grande nitidez e resolução. Pelo que diz e pelo que faz, a CRB identifica a VR pelo que lhe é substancial, em termos teológicos, bíblicos e evangélicos.

A revista **Convergência** é o veículo de estrutura ajustada aos objetivos fundacionais da CRB na transmissão de informações claras e objetivas para os Religiosos que vivem e trabalham na Igreja no Brasil. Em **CONVERGÊNCIA, Religioso, Você descobre os elementos que lhe garantem construir a resposta correspondente às suas necessidades de pensamento e de ação. Leia Convergência. Nada igual à sua leitura para o exercício conseqüente da esperança (Pe. Marcos de Lima, SDB).**

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL	321
MENSAGEM DO PAPA	323
INFORME DA CRB	325
VIVER A ESPIRITUALIDADE EUCARÍSTICA NA A. LATINA Maucyr Gibin, SSS	341
A VIVÊNCIA EUCARÍSTICA NAS ETAPAS INICIAIS DA FORMAÇÃO À V. RELIGIOSA Irmão Arno Bonfleur, FSC	351
HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE Irmã Vilma Moreira, FI	363
A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ Ignácio Ellacuria	378

EDITORIAL

“PÃO PARA QUEM TEM FOME” foi o LEMA que, pelo Brasil afora, na Campanha da Fraternidade em 1985, trouxe à tona da consciência cristã, o problema da fome de nosso povo.

A Igreja no Brasil retoma essa questão à luz do Evangelho da EUCARISTIA, por ocasião do XI CONGRESSO EUCARÍSTICO NACIONAL, em APARECIDA.

Diante DAQUELE que disse: “Eu vim para que tenham a Vida e a tenham em plenitude”, e que a Si mesmo se entregou como “PÃO DA VIDA”, os cristãos se sentem compelidos não só a pôr a mão sobre a testa num gesto de susto, mas também sobre o coração num gesto de santa ira e reconhecimento do próprio pecado, face à grandeza do problema FOME em nossa terra.

APARECIDA é feita coração do Brasil. Para lá acorrem os sedentos de vida nova para nosso povo, da Vida que brota do Cristo. Desse Cristo que se fez PÃO, num gesto que revolucionou a história humana. PÃO que não é instrumento de prepotência, mas força de transformação do homem e da sociedade. No PÃO o Cristo se faz Servo da abertura de novo horizonte de esperança e vida, de libertação e salvação. O PÃO é o símbolo do mundo novo da servicialidade fraterna do Reino que Deus quer instaurar. No PÃO está a força para a absolutamente necessária VIRADA da

história humana. Virada que o Onipotente Braço do Altíssimo concretiza por meio dos homens de boa vontade, os simples, os abertos Aquele que vem.

MARIA, em seu MAGNIFICAT, exaltou essa Força soberana da Vida. Soube compreender o Desígnio de Deus sobre sua vida pessoal e sobre a história da Humanidade. Deu-lhe seu SIM. Que Ela nos ajude a fazer o mesmo.

Unida às celebrações do CONGRESSO EUCARÍSTICO, CONVERGÊNCIA apresenta:

— “VIVER A ESPIRITUALIDADE EUCARÍSTICA NA AMÉRICA LATINA HOJE”, de Pe. MAUCYR GIBIN SSS que pretende “retomar a Eucaristia no seu sentido mais genuinamente primitivo e perene”, o dos primeiros cristãos para quem a Eucaristia “era o sacramento da imortalidade da Pessoa do Crucificado e semente de imortalidade para todos os que a celebravam”. Essa imposição do tema funda a Espiritualidade Eucarística abordada pelo autor que quer “considerar mais um Cristo que caminha conosco, que nos introduz na intimidade do Pai e que permite a ação do Espírito Santo em nós”, no hoje da história da América Latina. História da violência e morte, em confronto com o poder do amor e da vida do Cristo na Eucaristia. “Viver a espiritualidade eucarística é acreditar na força e vigor do Espírito Santo na

transformação da vida pessoal e da história da Humanidade”.

— “A VIVÊNCIA EUCARÍSTICA NAS ETAPAS INICIAIS DA FORMAÇÃO À VIDA RELIGIOSA”, de Irmão ARNO BONFLEUR FSC. “A Eucaristia, fonte e cume de toda a vida cristã (LG 11), é o centro da vida espiritual de uma comunidade religiosa. Ela significa e realiza o amor em nossas comunidades (ET 48). Não poderia a Eucaristia deixar de ser também o centro de todo o processo de Formação à Vida Religiosa”. Na verdade, “a Vida Religiosa está centrada em Jesus Cristo”. Por isso, “dizer que a união com Jesus Cristo é central à Vida Religiosa e à formação dos candidatos, significa situar o relacionamento pessoal entre os religiosos, formandos e Jesus Cristo, no coração e no centro de todos os relacionamentos”. É importante que os aspirantes à Vida Religiosa “aprendam a interpretar e a viver a linguagem da MESA DO SENHOR, em que se celebra a comunhão fraterna”. Ali aprendem também o sentido e a amplitude da missão de Cristo para a qual se sentem chamados, no despojamento de si mesmos, no dom total aos outros.

— “HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE”, de Irmã VILMA MOREIRA FI. Para a Bíblia, a história é o “onde” se dá a revelação de Deus, onde aparecem os gestos de Deus que revelam sua Face. Local da tessitura e expressão dos gestos humanos, a história é também o local da manifestação da absoluta transcendência

de Deus. Senhor da História. Nela seu Desígnio se instaura. Ela mediatiza a PROMESSA. Nela Deus se ENCARNA. E é nela que também se dá nosso SIM, nosso AMÉM, e a nossa recusa. Local da graça, do pecado, do perdão e salvação. É ali que se deve aprender a ler os sinais de Deus. É ali que se é chamado a viver do Espírito. A viver a Espiritualidade como Seguimento de Jesus, como Experiência de Deus. Qual o jeito do Religioso viver essa Espiritualidade no hoje da América Latina ?

— “A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ”, de IGNÁCIO ELLACURIA, constitui excelente meditação do entrelaçamento das dimensões espiritual e material na pessoa humana, numa “unidade diferenciada” cujo equilíbrio não é fácil construir e manter. Isso incide, evidentemente, na espiritualidade. Uma correta compreensão da espiritualidade cristã exige o equilíbrio das dimensões, de forma que, nem dualismo nem monismo se imponham na vivência da espiritualidade cristã. O autor, para delimitar a compreensão dos pólos do problema, parte da compreensão de ESPÍRITO na Bíblia, para captar a presença histórica do ESPÍRITO DE CRISTO, e retamente compreender o sentido e dinamismo de uma espiritualidade viva, operativa, fruto da presença do Espírito Santo na pessoa a Ele aberta e disponível. Como, quais as características e critérios para essa total abertura ao Cristo e a seu Espírito ?

Pe. ATICO FASSINI MS

MENSAGEM DO PAPA:

Homilia de JOÃO PAULO II na Santa Missa em louvor a Nossa Senhora do Cabo, em TROIS-RIVIERES, CANADÁ, em setembro de 1984 (n.º 1-3), in L'OSSERVATORE ROMANO, n.º 38, 16/09/1984, p. 7-8.

MARIA É MODELO PARA A NOSSA FÉ

Caros Irmãos e Irmãs

1. "Feliz daquela que acreditou!" (Lc. 1,45).

Estas palavras foram dirigidas a Maria de Nazaré pela sua prima Isabel, no momento da Visitação.

Elas fazem parte da **segunda saudação** que Maria recebeu. A **primeira** foi aquela do Anjo, no momento da Anunciação: "Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo" (Lc. 1,28). É assim que se exprime Gabriel, o Mensageiro enviado por Deus à Nazaré, na Galiléia.

Por ocasião da visitação de Maria à casa de Zacarias, **esta saudação do Anjo** encontra nos lábios de Isabel o seu complemento humano: "Bendita és tu entre as mulheres e bendito é o fruto do teu ventre" (Lc. 1,42).

Esta saudação humana e a do Anjo **estão impregnadas da mesma luz**. Ambas são a **Palavra de Deus**, nos lábios do Arcanjo como nos de Isabel.

Ambas formam um **conjunto unificado**. Ambas se tornaram a nossa oração à Mãe de Deus, a **oração da**

Igreja. "E donde me é dado que venha ter comigo a Mãe do meu Senhor?" (Lc. 1,43).

Isabel é a primeira que **professou a fé da Igreja**: Mãe do meu Senhor, Mãe de Deus, Theotokos!

2. "Feliz daquela que acreditou que teriam cumprimento as coisas que foram ditas da parte do Senhor!" (Lc. 1,45).

Hoje, estas palavras de Isabel, dirigidas a Maria no momento da Visitação, são repetidas por toda a Igreja.

A Igreja toda, por estas palavras, bendiz antes de tudo a **Deus** mesmo: "Bendito seja Deus e Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo" (1 Ped. 1,3).

Nosso Senhor, Jesus Cristo, é o Filho, Ele é da **mesma natureza do Pai**. Fez-se homem por obra do Espírito Santo. Na Anunciação, encarnou-se no seio da Virgem de Nazaré, e dela nasceu como homem verdadeiro. É Deus feito homem. Concretamente, **isto se realizou em Maria** no momento da Anunciação do Anjo. E **nisto, neste mistério**, ela acreditou, foi a **primeira**; acreditou em Deus

mesmo, baseada nas palavras do Anjo. Pronunciou o seu "fiat": que tudo se realize por meu intermédio, segundo a tua palavra! "Eis aqui a Serva do Senhor."

E de fato foi assim.

Quando a Igreja bendiz a Deus, Pai de Jesus Cristo, com as palavras da primeira Carta de Pedro, ela bendiz também este "fiat" de Maria, da Serva do Senhor.

3. Com as palavras do Apóstolo Pedro, a Igreja une-se a Maria na sua fé.

"Bendito seja Deus Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, que na sua grande misericórdia nos regenerou pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos para uma esperança viva, para uma herança incorruptível, que não pode contaminar-se, e imarcessível, reservada nos céus para vós, a quem o poder de Deus guarda pela fé, para a salvação que está pronta para se manifestar nos últimos tempos" (1 Ped. 1,3-5).

Eis a fé da Igreja e a esperança da Igreja. Mas acima de tudo, eis a fé de Maria. Ela tem a sua parte, parte supereminente, na fé e na esperança da Igreja. Ela acreditou antes de todos outros, melhor do que todos os outros. Acreditou primeiro que os Apóstolos. Quando a sua prima não acreditava ainda em Jesus (Jo. 7,5), quando as multidões tinham mais entusiasmo que fé, ela era inabalável na fé.

Maria é o Modelo primordial da Igreja que peregrina pelo caminho da fé, da esperança e da caridade. No final da Constituição sobre a Igreja, o Concílio Vaticano II assim se exprime: "A Mãe de Deus é o tipo e a figura da Igreja, na ordem da fé, da caridade e da perfeita união com Cristo... Porque, acreditando e obedecendo, gerou na terra... o Filho do eterno Pai; nova Eva, que acreditou sem a mais leve sombra de dúvida, não na serpente antiga, mas no mensageiro celeste. E deu à luz um Filho que Deus estabeleceu primogênito de muitos irmãos (Rom. 8,29), isto é, dos fiéis, para cuja geração e educação Ela coopera com amor de mãe" (Lumen gentium, n.º 63).

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

23.^a ASSEMBLÉIA GERAL DA CNBB

ITAICI, São Paulo, 10 a 19 de abril de 1985:

CARTA AOS AGENTES DE PASTORAL E AS COMUNIDADES

INTRODUÇÃO: nós, Bispos da Igreja Católica no Brasil, reunimo-nos, de 10 a 19 de abril, em Itaici, Indaiatuba, SP, para nossa 23.^a Assembléia Geral. Foram dias de estudo, oração e vivência da colegialidade episcopal, na escuta do Espírito Santo e diálogo entre irmãos. Tivemos como tema principal "A Liberdade Cristã e Libertação" sob o enfoque de "A Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil". Muito contribuiu para a escolha deste assunto a "Instrução sobre Alguns Aspectos da Teologia, da Libertação" da Congregação para a Doutrina da Fé, de agosto do ano passado, cujo estudo vivamente encarecemos. O Conselho Permanente da CNBB já havia pedido a ampla divulgação deste documento e seu estudo pelos Regionais e pela Comissão Episcopal de Doutrina. Procuramos analisar valores e falhas de nossa ação pastoral, refletir sobre questões teológicas e apontar caminhos, a partir das perguntas levantadas no subsídio preparatório ao estudo do tema principal desta Assembléia.

ASPECTOS POSITIVOS DA EVANGELIZAÇÃO LIBERTADORA: entre os aspectos de nossa pastoral, que mais

vêm contribuindo para impulsionar a evangelização libertadora, identificamos como elementos a serem conservados e aprimorados: as Comunidades Eclesiais de Base; a profética opção preferencial e solidária pelos pobres; o planejamento pastoral participativo, a crescente consciência eclesial dos leigos e a valorização da mulher; o engajamento pastoral dos religiosos e religiosas, especialmente sua inserção em comunidade no meio do povo; a importância da Comunidade como destinatária e agente da catequese; a ligação entre a Palavra de Deus e a vida do povo; a Campanha da Fraternidade e outras iniciativas com ela articuladas: Mês de Maria, Mês Vocacional, Mês da Bíblia, Mês Missionário, Novena do Natal; a participação mais consciente e ativa na celebração da liturgia e especialmente dos sacramentos; o crescimento do espírito missionário e de corresponsabilidade pastoral (Igrejas-Irmãs, Programas de Inter-ajuda...); a dinamização da Pastoral da Juventude e da Pastoral Vocacional: a consciência da dimensão social e política da fé e suas exigências; a Educação Libertadora; maior liberdade pastoral face ao po-

der econômico e político; defesa e promoção dos direitos fundamentais da pessoa humana; a atuação pastoral face a difíceis desafios da vida real do povo brasileiro (Pastoral Indigenista, Operária, da Terra, do Solo Urbano, do Menor...

FALHAS E TENSÕES: em meio a tantos sinais de vitalidade eclesial, que manifestam a presença do Espírito entre nós, encontramos também falhas e tensões. Na Assembléia procuramos analisar suas manifestações e causas, e caminhos que o Evangelho oferece para superá-las. É preciso reconhecer que onde há vida, há tensões. Existem em qualquer grupo humano. Sempre houve na Igreja modos diversos de fazer teologia e formas diferentes de pensar e organizar a pastoral. Tensões entre grupos aparecem desde o tempo dos Atos dos Apóstolos. Existem tensões que, apesar de dolorosas, são sinais de vida e ajudam a comunidade a crescer. Todos precisamos aprender a trilhar o caminho da UNIDADE, que não é o mesmo que uniformidade. Assim, há divergências nascidas da complexidade da realidade sócio-econômico-político-cultural e eclesial, vista e analisada de ângulos diferentes e a partir de situações, lugares e posturas sociais diversas. Mas há tensões, divergências e conflitos que podem ameaçar a unidade fundamental da fé e a união do amor que Jesus colocou como sinal distintivo de sua Igreja. Elas levam ao surgimento de grupos extremados, de tendências opostas, que se fecham em si mesmos, criticando e condenando os demais. Há, ainda, divergências oriundas de interpretações

teológicas diferentes: umas válidas, outras, que suscitam dúvidas ou até parecem esvaziar aspectos essenciais da fé. Ao pensarmos nestas falhas e tensões dentro da Igreja, temos que reconhecer seu aspecto humano e organizacional, porque ela está inserida na sociedade e sujeita a todos os condicionamentos dos grupos humanos. Não podemos, porém, esquecer que essa mesma Igreja é mistério e sacramento da presença de Jesus no mundo de hoje.

CAMINHOS DE SUPERAÇÃO: à luz do Evangelho e do Magistério, buscamos pistas de ação ou caminhos para superar estas falhas e tensões. Apontamos os seguintes: em todos os níveis de Igreja, precisamos aprofundar e multiplicar os caminhos de diálogo e correção fraterna. O diálogo exige sabedoria, discernimento e oração. A correção fraterna exige amor, humildade, lealdade e coragem. Ambos supõem espírito de conversão e reconciliação, ajudando a viver nas divergências. Ninguém se considere o detentor e único intérprete da verdade. Deve-se evitar interferências imprudentes, ataques pessoais, condenações públicas de orientações e práticas de pastoral dentro de uma mesma Igreja e entre Igrejas locais. O planejamento pastoral amplamente participativo tem-se revelado instrumento útil na superação de tensões e mal-entendidos tanto nas Igrejas locais como a nível nacional. Na fidelidade a Jesus Cristo, somos todos, pastores e fiéis, responsáveis pela integridade de sua Mensagem, de acordo com o Magistério da Igreja. Compreendemos o papel importante e difícil de nossos

teólogos nesta caminhada, como difícil é nossa própria função de pastores. Por isso, respeitando a diferença entre o papel do magistério e pastoreio e o papel da teologia, queremos estimular e animar nossos teólogos em sua missão.

TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO: um ponto delicado hoje, para nós, é a Teologia da Libertação. Abordamos este assunto em sua conexão com a ação pastoral da Igreja, enfocada como "Evangelização Libertadora", valendo-nos de reflexões anteriormente feitas em nossos Regionais e Dioceses e do estudo da Comissão Episcopal de Doutrina da CNBB sobre a Instrução. A problemática levantada por esta teologia exige atitude de discernimento e aprofundamento. O tema da Libertação é profundamente bíblico. Existe uma autêntica Teologia da Libertação centrada neste tema bíblico da Libertação e da Liberdade e na urgência de suas incidências práticas (cf. Instrução III, 4; VI, 7). Esta teologia favorece a evangelização. Esclarece o nexos entre os movimentos que procuram a libertação do homem e a realidade do Reino de Deus. Entretanto, podem surgir ambigüidades e confusões, "desvios e perigos de desvios", como adverte a Instrução da Congregação para a Doutrina da Fé. Tais desvios e perigos se relacionam especialmente com a chamada "análise da realidade". Nesta operação complexa, nem as ciências sociais escapam aos condicionamentos ideológicos. Preocupamo-nos particularmente o apelo à "análise marxista" como instrumento de compreensão da realidade e o apelo à luta de classe, como lei fun-

damental de transformação da sociedade. (cf. Instrução VII, 6; IX, 2,3).

ORIENTAÇÕES: diante deste quadro da teologia e ação pastoral, cujo estudo e aprofundamento crítico pretendemos continuar, propomos algumas orientações: Prosseguir na reflexão teológica que valorize a vida das comunidades cristãs, a ação pastoral da Igreja, o compromisso pela libertação do oprimido, numa espiritualidade de experiência do Deus vivo. Evitar, na reflexão teológica e na ação pastoral, unilateralismos e reducionismos que neguem ou excluam aspectos essenciais do mistério cristão. Buscar uma síntese integradora dos diversos aspectos necessários à libertação integral: nem só pecado individual, nem só pecado social; nem só dimensão vertical, nem só dimensão horizontal; nem só ortodoxia, nem só ortopraxis; nem só dimensão espiritual, nem só dimensão sócio-política; nem só conversão do coração, nem só transformação das estruturas... Ser fiéis à verdade sobre Cristo, a Igreja e o Homem e, ao mesmo tempo, aos apelos de Deus presente na realidade histórica. Enriquecer a reflexão teológica sobre a evangelização libertadora com as luzes da Igreja dos primeiros tempos e da Teologia Patrística. Valorizar o estudo da Doutrina Social da Igreja, especialmente no ensino superior e nos institutos de formação de presbíteros e agentes de pastoral. Insistir na importância da filosofia para o estudo e produção teológica, e para a crítica dos pressupostos das ciências sociais. Resguardar a reflexão teológica do risco de ideologização que pode acontecer

quando se toma por fundamento tanto a práxis que recorre à análise marxista quanto a visão do liberalismo capitalista (Puebla 545-546). Distinguir sem separar, Magistério e Teologia, reconhecendo a autoridade do primeiro e a justa autonomia e pluralismo da segunda. Apresentar as opiniões teológicas como simples opiniões. Evitar, porém, sua divulgação indiscriminada entre os agentes de pastoral, especialmente em manuais de catequese, pois isto, poderia desorientar ou confundir a fé do povo. Valorizar a sabedoria popular e as formas de reflexão teológica que brotam da vida do povo cristão e o ajudam a ler sua experiência à luz da Palavra de Deus. Oferecer sólida e sistemática formação teológica aos futuros presbíteros, insistindo no que é fundamental da doutrina católica e apresentando criticamente as diversas correntes e opiniões. Cuidar também da formação teológica dos agentes de pastoral.

CONCLUSÃO: além do tema central, tratamos de outros temas importantes: o XI Congresso Eucarístico Nacional, a missão do leigo na Igreja e na sociedade, a pastoral da Juventude, a legislação complementar do Direito Canônico, o próximo Sínodo dos Bispos em Roma, o papel da Igreja no atual momento nacional e a constituinte. A importância do tema central, levou-nos a pedir à Presidência e Comissão Episcopal

de Pastoral que, recolhendo as contribuições desta Assembléia, prepare subsídios para orientar sobre ele nossas comunidades. Oportunamente, os subsídios serão enviados aos Regionais da CNBB e às Dioceses, para estudo e reflexão num processo semelhante ao da elaboração do documento "Catequese Renovada". Tais subsídios nos ajudarão a aprofundar o conteúdo da Instrução já citada e acolher o novo documento que a Santa Sé prepara sobre Liberdade Cristã e Libertação. Ajudar-nos-ão, sobretudo, a continuar com crescente entusiasmo e segurança no caminho da evangelização libertadora. Em nosso Dia de Espiritualidade, orientados pelo Cardeal Carlos Maria Martini, Arcebispo de Milão, meditamos o cântico de Maria, o "Magnificat". Com N. Sra., louvamos a grandeza de Deus, que olha com bondade para o seu povo e suscita em nossas comunidades a fé e a esperança que nela suscitou. Com ela contemplamos a história, caminho de libertação, onde se manifesta o poder de Deus e o seu desígnio de derrubar soberbos e poderosos, para exaltar os humildes e dar pão a todos os que têm fome. Que nossa Senhora Aparecida, em cujo santuário esperamos reencontrar-nos no mês de julho, no XI Congresso Eucarístico Nacional, ajude toda a Igreja do Brasil nesta caminhada de evangelização libertadora.

EQUIPE DE REFLEXÃO TEOLÓGICA (ERT)

15 ANOS DE SERVIÇO À VIDA RELIGIOSA DO BRASIL

A CRIAÇÃO DA ERT

A idéia para a criação da Equipe de Reflexão Teológica (ERT) surgiu no Encontro dos Secretários Executivos Regionais, em 1969, e foi motivada pela "premente necessidade de uma assessoria, por parte de peritos, para se poder cumprir o objetivo da CRB: promoção da Vida Religiosa", num momento em que se constatava por toda parte "uma série de impasses", entre eles a "crise de definição de vida que o religioso sentia", e "o significado da Vida Religiosa na Igreja". O projeto foi aprovado pela Diretoria Nacional e foram constituídas tantas Equipes quantas eram as Regionais, "e mais uma Equipe Nacional, composta de elementos provindos dos Estados de São Paulo, Guanabara, Rio de Janeiro e Minas Gerais". Essas Equipes começaram a trabalhar em 1970, ocupando-se da preparação da IX Assembléia Geral Ordinária da CRB que visava oferecer aos religiosos do Brasil "subsídios para uma Teologia da Vida Religiosa". Foi previsto que após a Assembléia continuariam seu trabalho "como grupo de reflexão e de assessoria às necessidades da Vida Religiosa" (cf. Relatório das Atividades da CRB, 1969/1970, p. 23s).

O grupo de teólogos convocados para compor a Equipe da CRB Nacional reuniu-se pela primeira vez no dia **2 de junho de 1970**. Outras quatro reuniões foram realizadas ainda nesse ano. Apesar disso, os relatórios posteriores e o próprio Pe. Marcello de Carvalho Azevedo, sj, então Presidente da CRB, registram o surgimento oficial da ERT em 1971.

NATUREZA E OBJETIVOS

A ERT constitui uma equipe de assessoria teológica à Diretoria e Executivo Nacional da CRB e uma instância permanente de reflexão a serviço da Vida Religiosa. Seu objetivo básico é a reflexão teológica sobre a Vida Religiosa e foi expresso de formas diversas nesses 15 anos, refletindo uma evolução que vale a pena registrar.

Em princípio se diz que a ERT foi constituída para "captar" a reflexão teológica que ia sendo produzida sobre a Vida Religiosa e "traduzi-la" em termos de realidade da Vida Religiosa no Brasil (cf. Relatório da CRB, 1970/1971, p. 74s), ou que a reflexão promovida pela CRB, através de seus teólogos, "visa descobrir as linhas-forças da atual teologia da VR, consubstanciando-as em publi-

ções", em "textos seguros" para uso dos religiosos em seus encontros, assembleias e cursos (cf. Relatório da CRB, 1971/1972, p. 37).

Logo, porém, a caminhada da Vida Religiosa no Brasil — a inserção na Igreja local, na sociedade e, sobretudo, nos meios populares — começou a provocar questionamentos e impasses que não encontravam resposta nesse tipo de reflexão. Percebeu-se que era necessário partir da nossa realidade concreta, "captar" o que estava acontecendo aqui, os passos que iam sendo dados, e iluminar teologicamente essa caminhada. Na Assembleia de 1977, falando sobre o papel da ERT, Pe. Marcello diz: "Nada mais importante, pois, do que a atenção constante a esta caminhada de vida que deve ser teologicamente refletida e expressa" (Os Religiosos na Realidade Nacional e Eclesial do Brasil, p. 32).

Hoje, podemos dizer que a principal finalidade da ERT é acompanhar a Vida Religiosa em sua evolução, no amplo contexto sócio-ecclesial. Procura-se iluminar criticamente, à luz do Evangelho e da grande Tradição, os passos que vão sendo dados, colocando a descoberto os desafios e impasses, incentivando e sugerindo pistas para um compromisso sempre mais eficaz. Neste sentido, a ERT é consciente de que seu objetivo se situa dentro do grande objetivo da própria CRB: animar e promover a Vida Religiosa no Brasil.

Além da reflexão ordinária que desenvolve, a ERT participa, cada três

anos, da preparação e realização da Assembleia Geral Ordinária (AGO) da CRB e presta assessoria também às Regionais, mediante solicitação das mesmas. Os membros da ERT são ainda chamados para cursos, seminários e encontros, tanto a nível nacional quanto regional.

COMPOSIÇÃO

A ERT é composta, geralmente, por 12 membros de áreas teológicas diversas e famílias religiosas diferentes, homens e mulheres. Até hoje passaram pela Equipe 38 teólogos (incluindo os atuais e excluídos alguns que participaram de poucas reuniões). Vários deles atuaram por muitos anos, como se pode ver na relação que segue: Constâncio Nogueira, OFM (1970-75); Maria José Fonseca de Affonseca, CNS (1970-72); João Batista Libânio, SJ (1970-82); Leonardo Boff, OFM (1970-82); Aleixo Maria Autran, FMS (1970-73); Vital J.G. Wilderink, OC (1970-71); Virgílio Rosa Netto, CSSR (1970-74); Luzia Ribeiro de Oliveira, OSB (1970-77); Edwiges Vannuchi, MJC (1970-71); Gilberto da Silva Gorgulho, OP (1970-71); Vilma Moreira da Silva, FI (1972-78); Carlos Mesters, OC (1972); Simão Voigt, OFM (1972-75); Hugo Paiva, CM (1972-73); Jeanne-Marie Tierny, OSU (1972-75); Maria Laura Gorgulho, PG (1974-81); João Edênio Reis Valle, SVD (1974-81); Afonso Levis, FMS (1974-76); Fernando Figueiredo, OFM (1974-76); Carlos Palacio, SJ (1977-84); Franziska Carolina Rehbein, SES (1977-78); Guilherme Reinhard, OMI (1977-78); Laura Fraga de Almeida Sam-

paio, CNS (1977-80); Juan A.R. de Gopegui, SJ (1978); Rogério I. de Almeida Cunha, SDB (1978-...); Gabriel Selong, SVD (1978 e 1982-...); Maria Carmelita de Freitas, FI (1978-...); Antonio Moser, OFM (1980-...); Cleto Caliman, SDB (1980-...); Delir Brunelli, PIDP (1980-...); Clodovis Boff, OSM (1980-...); Maria del Pilar Rubió, CM (1981); Francisco Tabora, SJ (1982-...); Antonio Aparecido da Silva, FDP (1983-...); Ulpiano Vasquez Moro, SJ (1983-...); Atico Fassini, MS (1984-...); Maria José Rosado Nunes, PG (1985-...); Henri de Ternay, SJ (1985-...).

DESENVOLVIMENTO DAS ATIVIDADES

A ERT se reúne mensalmente na sede da CRB Nacional, no Rio de Janeiro. Escolhido o tema central do ano, cada teólogo prepara um subtema que é apresentado e submetido à crítica de toda a Equipe. A partir das observações feitas e das questões levantadas no debate, o texto é reelaborado e entregue à publicação. Esta pode ser feita em livro ou através da **Convergência**. Dessa forma, pode-se dizer que todos são co-autores do texto produzido, embora seu principal articulador assuma a responsabilidade na publicação.

Os temas são escolhidos a partir das solicitações da Diretoria da CRB ou mediante sugestões da própria Equipe, sempre procurando atingir aquelas áreas ou aqueles aspectos da Vida Religiosa e eclesial que mereçam maior iluminação naquele momento.

O trabalho é feito num clima de liberdade crítica, seriedade teológica e fraternidade. Percebe-se, em cada teólogo, um grande amor à Igreja e à Vida Religiosa. Por isso, as críticas questionam, fazem amadurecer a reflexão e constróem. Percebe-se também que todos são movidos por uma clara consciência de serviço. As viagens mensais, às vezes longas, o tempo reservado à preparação do próprio tema e ao estudo dos temas apresentados pelos colegas, o compromisso assumido em Assembléia, Cursos e Seminários só se explicam pelo desejo de servir à Igreja e à Vida Religiosa. Isso não quer dizer que não haja também um retorno gratificante: o enriquecimento mútuo, a fraterna convivência, o clima acolhedor e amigável da CRB e a própria oportunidade de reflexão e debate teológico numa equipe bem constituída.

Nesses 15 anos de existência, a ERT se reuniu umas 130 vezes; refletiu sobre um leque variado de temas em torno da Vida Religiosa; assessorou cinco Assembléias Gerais e um grande número de encontros e seminários; ministrou cursos em todo o Brasil e ofereceu aos religiosos uma extensa bibliografia em livros e na revista **Convergência**. Registramos aqui apenas os temas de reflexão desses 15 anos:

- 1970-71 — Subsídios para uma Teologia da Vida Religiosa (tema da IX AGO);
- 1972 — Vida Religiosa e Vocação;
- 1973 — Vida Religiosa e Comunidade;

- 1974 — Missão Profética da Vida Religiosa hoje (tema da X AGO);
- 1975 — Evangelização e Vida Religiosa;
- 1976 — Formação para a Vida Religiosa hoje;
- 1976-77 — A realidade Nacional e Eclesial do Brasil hoje e a presença dos Religiosos nela (tema da XI AGO);
- 1977-78 — Identidade e aculturação da Vida Religiosa no Brasil, numa sociedade e cultura em profunda transformação;
- 1979-80 — Vida Religiosa e Puebla; Libertar para a Comunhão e Participação (tema da XII AGO);
- 1981-82 — Educação e Vida Religiosa;
- 1982-83 — Autoridade e Governo na Vida Religiosa (tema da XIII AGO);
- 1984 — Aspectos relevantes da caminhada da Vida Religiosa nos últimos anos;
- 1985 — A dimensão profética da Vida Religiosa (tema da XIV AGO);

DESAFIOS ATUAIS

A ERT enfrenta nesse momento alguns grandes desafios. O primeiro deles diz respeito à própria caminhada da Vida Religiosa. Não se trata apenas de retomar os grandes te-

mas do passado e traduzi-los numa linguagem mais compreensível aos nossos dias. Percebe-se que vai surgindo entre nós uma nova figura de Vida Religiosa. Este amanhecer é envolto em problemas e conflitos que não podem ser ignorados pela reflexão teológica.

Outro desafio se refere à relação teoria-práxis na vida dos teólogos. Os membros da ERT procuram manter essa relação, buscando acompanhar de perto e a partir de dentro, toda a evolução da Vida Religiosa. Mas enfrentam as exigências das inúmeras tarefas acadêmicas a que estão ligados, como professores ou diretores de Faculdades de Teologia.

Um terceiro desafio consiste em levar avante com seriedade e lucidez crítica a reflexão teológica exigida pelo atual momento sócio-elesial da América Latina.

Dois outros desafios dizem respeito mais à CRB: manter em funcionamento uma Equipe de Teólogos com reuniões mensais, e garantir a essa Equipe o espaço de liberdade crítica indispensável para que a reflexão possa amadurecer e, de fato, ajudar a Vida Religiosa em sua caminhada.

Consciente desses desafios, a ERT continua desenvolvendo com responsabilidade sua tarefa. Ao celebrar seus 15 anos de existência, alegra-se com o que já pôde realizar, e se propõe um renovado empenho para sempre melhor servir à Igreja e à Vida Religiosa do Brasil.

Delir Brunelli, PIDP

OS DEZ ANOS DO CETESP

A 10.^a AGO da CRB, em julho, 1974, pediu um curso vivencial para animadores da VR no Brasil. O CETESP (Centro Teológico de Estudos e Espiritualidade) foi fundado no dia 1.^o de agosto, de 1975, como resposta àquele pedido. Organiza, duas vezes por ano, um curso de quatro meses para 50 participantes. Os escolhidos são religiosos chamados por suas Congregações a serem superiores maiores, membros de conselho, formadores, promotores vocacionais, ou liberados para trabalhar no Executivo Nacional ou Regional da CRB.

A mais recente avaliação geral do CETESP não deixa dúvida sobre a validade do curso como programa de renovação e preparação de multiplicadores da VR no Brasil. O número elevado que, depois do CETESP trabalhou na liderança/formação (92.5%), mostra que os objetivos estão sendo atingidos na área de pessoal. O número que atualmente trabalha na liderança/formação, é também elevado (66%). A influência na VR do Brasil pode ser medida pelos cargos de liderança exercidos pelos Cetepistas: Superior Geral: 21; Provincial: 62; Superior Regional: 29; Membro do Conselho Geral: 58; Membro do Conselho Provincial: 175; Membro do Conselho Regional: 19.

A colaboração intercongregacional dos Cetepistas, revelada pela pesquisa, é um dado altamente encorajador. Nada menos que 55% das 630 respostas foram positivas: nos Noviter e Postulinter: 127; nas Dire-

torias e Executivos da CRB: 54; nas equipes de pastoral vocacional Diocesanas: 94. Também a experiência com Exercícios de Santo Inácio. Curso para orientadores de Retiro Inaciano em 1981-82, deu bom resultado porque 88 Cetepistas trabalharam em retiros intercongregacionais dirigidos, e 84 na orientação espiritual intercongregacional.

A 13.^a AGO, em agosto de 1983, votou unanimamente para continuar o CETESP como prioridade da Conferência. 70 dos delegados foram Cetepistas.

DESTAQUE DOS ÚLTIMOS ANOS :

Interesse pelo Carisma da Congregação

Depois do Vaticano II, muitas Congregações redescobriram a escolha fundamental de seu Fundador, de trabalhar com ou para os mais marginalizados. Na América Latina esta descoberta ajudou na preparação de Medellín e Puebla. E a "opção fundamental" de Puebla convocou muitas outras Congregações a viver e pôr em prática hoje o carisma do Fundador.

Formação dentro de pequenas comunidades inseridas

Muitos candidatos à VR vêm das CEB's e preferem não ser absorvidos em grandes e organizadas estruturas. Os superiores reconhecem este

desejo como válido. Muito mais candidatos estão passando os anos de formação em comunidades pequenas onde continuam a viver a vida dos pobres... Formadores com dons e preparação especial se tornam necessários para tais comunidades. Provavelmente este será o maior desafio do CETESP nos próximos anos.

Aumento no número de vocações

Por causa deste aumento, fazem-se necessários mais formadores e mais bem preparados. Em média, dez Congregações/Provinciais pedem vaga pela primeira vez em cada curso. Muitas delas são grupos missionários que chegaram ao Brasil nos últimos 25 anos e que estão começando a receber candidatos brasileiros. Sentem a necessidade de um estilo especificamente brasileiro de formação que valorizará ao máximo as raízes culturais dos candidatos. Ou-

tras são novas Congregações brasileiras.

Colaboradores

A VR no Brasil é abençoada na qualidade de seus Assessores. O CETESP, como prioridade da CRB, pode contar com a colaboração destas pessoas como professores, orientadores espirituais e de retiro, psicólogos, etc. Existe entre eles um alto grau de reflexão e profissionalização, mas o que mais impressiona e atrai é o testemunho de uma fé vivida, uma teologia encarnada no dia a dia, um respeito muito grande pela verdade de cada um, uma humanidade "quase divina". Temos que reconhecer o sacrifício que representam para eles os dias dedicados ao CETESP: o acúmulo de aulas e tarefas "de casa" de que libera-se, horas de preparação para corresponder ao máximo a uma platéia tão diversa, e às vezes, tão exigente.

Trabalharam na coordenação do CETESP durante estes dez anos:

Frei Constâncio Ncgara, OFM
 Pe. Jaime Sullivan, OMI
 Irmã Thereza Nunes, FC
 Irmão Nilson Antônio Ronchi, FMS
 Padre Ivo Weber, SJ
 Irmão Avelino Spada, FMS
 Pe. Patrick Leonard, CSSp
 Ir. Maria do Carmo Costa, PGap

CETESP	I,II
"	II-VIII
"	III-XIII
"	III,IV
"	VII-XI
"	XII,XIII
"	XIII-XVIII
"	XIV-XVI

Trabalharam atualmente:

Ir. Lucília Maria de Freitas, SSD
 Pe. Paulo Lisboa, SJ

"	XVII,XVIII-
"	XVIII-

No dia 01 de agosto de 1985 deve começar o CETESP XIX, elevando o número total de participantes a 975, de 54 Congregações masculinas e 180 femininas. O CETESP nunca perdeu de vista sua "opção" pelas Congregações mais necessitadas e pelos candidatos do Norte e Nordeste do país. Em resposta ao apelo de

Puebla, de "partilhar nossa pobreza com aqueles ainda mais pobres do que nós", nada menos de 48 Religiosos vindos de outros países do Terceiro Mundo têm recebidos vagas no CETESP.

Pe. Patrick Leonard CSSp
Rio de Janeiro, dia 10 de maio, 1985

PROGRAMA PARA FORMADORAS CONTEMPLATIVAS (PRO-FOCO)

PRO-FOCO II — II ETAPA

De 10 a 30 de abril p.p. realizou-se em Petrópolis, no Convento Madre Regina, a II Etapa do **PRO-FOCO II**, Programa para Formadoras Contemplativas, promovido pela CRB/Nacional.

Compareceram 24 Religiosas representantes de 10 diferentes Ordens e Congregações: Benedictinas, Dominicanas, Redentoristas, Carmelitas da Antiga Observância e Carmelitas Descalças, Clarissas, Concepcionistas, Sion, Sacramentinas, Passionistas e Visitandinas.

Uma celebração Eucarística presidida por Frei Arcângelo Buzzì, OFM, marcou a abertura desta 2.^a Etapa do **PRO-FOCO II**. Estiveram presentes também Ir. Claudino Falquetto, FMS, Presidente da CRB/Nacional, Ir. Maria Vilani Rocha de Oliveira, FHIC e Ir. Teresinha Pegoraro, SJC que coordenou com carinho e eficiência toda a Etapa de trabalhos.

O tema central dessa II Etapa foi **"A CONTEMPLATIVA COMO PESSOA HUMANA"**.

Partimos de uma explanação sobre a **PSICOLOGIA DO CRESCIMENTO INTEGRAL**, feita por Ir. Maria Conceição Galvão Castro, FHIC, onde pudemos analisar o homem em seus comportamentos, necessidades, ajustamento, desajustamento...

Em seguida, Pe. Manoel Losada fez-nos penetrar em um terreno psicológico mais complexo: **"VIVÊNCIA COMUNITÁRIA"**. Continuando a temática das aulas anteriores, com óticas diferentes", chegamos a uma intensa experiência de nosso próprio ser, em seus níveis conscientes e inconscientes.

Proseguimos nossos estudos com Frei Adelino Pilonetto, OFM Cap. abordando uma parte da **TEOLOGIA MORAL**, como **"INTEGRAÇÃO E DESINTEGRAÇÃO DA PERSONALIDADE"**. Foram colocações claras, precisas, direcionando a pessoa para um real equilíbrio.

Através da **"RELAÇÃO DE AJUDA"**, Pe. Clovis Piazza, SJ, conduziu-nos a uma exploração de nossa realidade humana, oferecendo-nos normas práticas para o campo do relacionamento humano, dentro de uma visão de fé e amor.

Além dessas aulas, tivemos uma síntese admirável da fisionomia e obras dos Grandes Mestres da Espiritualidade, por Frei Celso Márcio Teixeira, OFM.

Frater Henrique, numa orientação prática, abordou de forma brilhante a introdução à Metodologia Científica. A eficiência na exposição dos

temas, a competência teológica e psicológica e o dinamismo dos Professores superaram nossas expectativas. Não houve uma dicofomia entre fé e psicologia. Ao contrário, percebemos a relação "múltipla e única, cheia de mistérios e claridade" que existe entre nossa vocação humana e nossa vocação cristã de consagradas inseridas em Cristo para uma liberdade total.

O curso terminou dia 30 com uma celebração Eucarística presidida por D. José Veloso, bispo de Petrópolis.

O clima de fraternidade, distensão, alegria entre as cursistas; o ambiente acolhedor do Convento Ma-

dre Regina; a presença tranquila e efetiva da nova Coordenadora do **PRO-FOCO**, transformaram esses dias em "Comunhão e partilha" de nossas experiências humanas e espirituais.

Uma nova esperança nasce para as Contemplativas do Brasil, graças aos esforços eficazes da CRB Nacional. Desejando corresponder a estas expectativas, apresentamos ao Senhor nossas preces de gratidão pelo muito que nos foi dado.

Ass. Ir. Maria Helena de S. José

Carmelo Imaculada Conceição
Divinópolis — Minas Gerais

CENTENÁRIO DE FALECIMENTO

Nascido em ÉGUILLES, na FRANÇA, aos 30 de setembro de 1830, SYLVAIN-MARIE GIRAUD foi ordenado sacerdote do clero diocesano de AIX-EN-PROVENCE em 1853. É nomeado Professor e Diretor Espiritual do Seminário Menor dessa mesma Diocese, tornando-se ao mesmo tempo, um pregador de renome.

Em 1857 sobe à Montanha de LA SALETTE, para um retiro. Desejava ali encontrar luzes para seu futuro. Há tempo interrogava-se a respeito de eventual entrada na Vida Religiosa. Hesita entre Capuchinhos, Maristas e Jesuítas. Sente forte apelo a imitar o Cristo Vítima. A Vida Religiosa lhe parecia o caminho adequado. Um texto por ele escrito no dia mesmo de sua ordenação sacerdotal, é significativo: "Eis-me sacerdote, oh meu Deus!, oh Trindade Santa! Renovo diante de Vós, o único desejo que existe no fundo de minha alma, o de ser como vossos Santos, tanto vítima quanto sacerdote..."

Ao encontrar-se com a Virgem em lágrimas, em LA SALETTE, Pe. GIRAUD também encontra a resposta a seus anseios. Escreve: "A Santíssima Virgem, minha boa Mãe, quer que me torne missionário de suas lágrimas e sofrimentos. Jamais experimentei convicção tão íntima, tão benéfica. Terminaram assim, todas as incertezas". O projeto de vida de identificar-se a Jesus Vítima, signi-

ficava para ele, imitar Maria, a Virgem das Dores, presente ao pé da Cruz.

Só depois de um ano, e com muitas dificuldades, seu Bispo lhe dá a permissão de deixar a Diocese e Integrar o grupo de Sacerdotes, os Missionários de Nossa Senhora da Salette, fundado pelo Bispo de Grenoble, Dom Philisbert de Bruillard, pouco antes, em 1852. Servidores do local de peregrinação, na Montanha de LA SALETTE, onde a Virgem Maria aparecera a 19 de setembro de 1846, e missionários diocesanos em Grenoble, esses sacerdotes aos poucos passaram a constituir-se em Comunidade Religiosa com o mesmo nome.

Pe. GIRAUD une-se a eles, a 26 de novembro de 1858, e se torna o primeiro a solicitar a admissão ao noviciado regular. Ao Padre Mestre escreve: "Vede-me como argila, e modelai-me como quiserdes!"

A 2 de fevereiro de 1860, "com incomparável alegria", segundo afirma, faz a sua Profissão Religiosa.

A seguir, entre 1865 e 1876, como Superior da pequena Comunidade dos Missionários de Nossa Senhora da Salette, e Reitor da Peregrinação no local da Aparição, Pe. SYLVAIN-MARIE desenvolve intensa atividade missionária, de escritor e místico.

Com todos partilha a graça da Aparição de Maria em LA SALETTE. Escreve ele: "Tudo deve ser comunicado a seu povo, mas sobretudo a narrativa de seus sofrimentos, de suas lágrimas, de seu estado de aniquilamento e de imolação diante da Majestade de Deus e diante do Coração ultrajado de seu divino Filho: numa palavra, seu estado de vítima" (in "DE L'UNION À N. S. JÉSUS-CHRIST DANS SA VIE DE VICTIME", p. 437).

O desejo de Pe. GIRAUD era ver surgir das irradiações da Virgem em lágrimas de LA SALETTE, um Instituto de Religiosas-Vítimas e outro de Sacerdotes Vítimas, ambos de vida contemplativa. Esse desejo não foi realizado por força das circunstâncias, com grande sofrimento para Pe. GIRAUD, sofrimento aceito porém, como "das mãos de Deus", segundo afirma. Viu firmar-se então, a Congregação dos Missionários de N. S. da Salette como Instituto de vida ativa, a quem imprimiu uma espiritualidade definida.

De 1876 até sua morte, a 22 de agosto de 1885, Pe. GIRAUD foi Superior da Comunidade em VIENNE, França. Ali compôs sua obra mais importante, sob o título de "PRÊTRE ET HOSTIE". E dali orientava também a Comunidade de Irmãs de Nossa Senhora da Salette, por ele fundada, situada em FRANCHEVILLE.

Inúmeros e renomados foram os retiros que pregou a Sacerdotes e Religiosos, sobretudo nas Dioceses de GRENOBLE, BESANÇON e AIX-EN-PROVENCE. Ao retornar de um

deles, foi obrigado a deter-se em TARASCON, por problemas de saúde, e internar-se no "Asilo de Caridade" onde morreu, "na casa dos pobres" como desejava. Mais tarde, seus restos mortais foram trasladados à Montanha de LA SALETTE. Os que o conheciam chamavam-no de "Nosso santo Pe. GIRAUD!" Sua Congregação vê-lo-á venerado entre os Santos um dia? À sabedoria da Igreja e aos desígnios de Deus cabe decidir.

OBRAS: Pe. GIRAUD inaugura sua série de escritos com duas obras de caráter marial: "PRACTIQUE DE LA DÉVOTION À NOTRE-DAME RÉCONCILIATRICE DE LA SALETTE" (1863), e "DE LA VIE D'UNION AVEC MARIE, MÈRE DE DIEU" (1864). Três obras fundamentais constituem o cerne de seu pensamento: "DE L'UNION À N. S. JÉSUS-CHRIST DANS SA VIE DE VICTIME" (1870), "DE L'ESPRIT ET DE LA VIE DE SACRIFICE DANS L'ÉTAT RÉLIGIEUX" (1873), e "PRÊTRE ET HOSTIE" (dois volumes publicados em 1885).

No Prefácio de "PRÊTRE ET HOSTIE" delineia a relação entre Sacerdócio, Batismo e Sacrifício, ao escrever: "Todo cristão é sacerdote, não para oferecer, por ofício, o Corpo e o Sangue de Jesus Cristo; mas é sacerdote porque é feito participante, por direito de seu Batismo, dessa divina oblação, concorrendo para isso, de diferentes modos; e é sacerdote a fim de oferecer a si mesmo como vítima em união com o sacrifício de Jesus Cristo, diante da Majestade do Pai (...). Da mesma forma, por uma consequência assim rigorosa, todo religioso, obriga-

do em virtude da profissão dos santos votos, a buscar a perfeição da graça do cristianismo, é obrigado a buscar a perfeição da vida de vítima" (p. XVI e XVII). Da mesma forma, como explica em outras passagens dessa mesma obra, a grandeza da graça do sacramento da Ordem exige, no Sacerdote, uma correspondente grandeza de vida de hóstia, na imitação a Jesus Cristo, Sacerdote único do Pai, que fez da perfeição de sua Humanidade, a Hóstia de seu Sacrifício.

Outras obras de Pe. GIRAUD ilustram essa doutrina, tanto na chave da contemplação quanto na da vida prática.

Em seus escritos Pe. GIRAUD revela-se profundo conhecedor da Escritura e dos Santos Padres, a ponto de o Cardeal MANNING dirigir-lhe as seguintes palavras: "O cabedal de citações e autoridades ultrapassa imensamente toda e qualquer obra de meu conhecimento".

Como afirma o "DICTIONNAIRE DE SPIRITUALITÉ", verbete GIRAUD, SYLVAIN-MARIE, tomo VI, PARIS, BEAUCHESNE, 1967, coluna 405: "Disso resulta que, na época do 1.º Concílio Vaticano, seus leitores ti-

nham razão em crer que a doutrina do Corpo Místico de Jesus Cristo não era vaga metáfora, mas uma realidade percebida pela Igreja ao longo de sua história e que lhe permite de se definir, e com ela cada um de seus membros, não por um estatuto jurídico, mas por seu ser de graça. Não se faz necessário sublinhar o mérito de tal concepção, nessa época. "Num escrito apenas esboçado, "LE PRÊTRE DANS SES RELATIONS AVEC L'ÉGLISE ET AVEC LES ÂMES", dois capítulos, de aguda intuição, abriam a obra: "O mistério da Igreja como Esposa de Cristo" e "O Espírito Santo, dote da Igreja".

Acrescenta ainda o mesmo "DICTIONNAIRE DE SPIRITUALITÉ:" A unidade entre obra e vida de SYLVAIN GIRAUD impressionou fortemente a seus contemporâneos. (...) Segundo HENRI BREMOND, SYLVAIN GIRAUD foi 'um dos maiores espirituais dos tempos modernos'. Historicamente foi o guia seguro e muito seguido por almas ferventes, religiosas sobretudo, que aspiravam à vida de vítima, durante a segunda metade do século XIX "(DICTIONNAIRE...", col. 406).

Pe. ATICO FASSINI ms

VIVER A ESPIRITUALIDADE EUCARÍSTICA NA AMÉRICA LATINA - HOJE

INTRODUÇÃO

Para fixar o intuito deste artigo, devemos confessar a fé nos aspectos essenciais da Eucaristia: os sinais revelam uma **presença** especialmente qualificada (SC 7), o **sacrifício** celebrado na vontade de Cristo e na realidade histórica (SC 47), a **comunhão** que nos une ao Senhor que passa da situação de humano para a situação de Vitorioso e, sobretudo, a condição nova de tornar visível, sacramental, histórica e eficaz a ação salvífica de Jesus na Igreja. O culto à Eucaristia vem formar as pessoas para se inserirem neste processo de Identificação com Cristo.

Eucaristizar o mistério da redenção libertadora da Humanidade significa, pois, exorcizar os sacramentos de todos os aspectos meramente objetivantes e até coisificantes que, a partir do século IX.^o — mais ou menos — começaram a ocupar lugar na mente dos teólogos e nas práticas piedosas. Nos primeiros tempos, não ocorriam perguntas como essas: Que tipo de presença é a da Eucaristia? Qual a relação entre o corpo eucarístico e o corpo terrestre ou celeste de Jesus? Qual a natureza da transformação miraculosa que existe no pão para tornar-se em

Corpo do Cristo? E assim muitas outras questões, ocuparam a mente, mas distanciaram os corações da realidade misteriosamente revelada de que o Senhor Jesus, pela Eucaristia, está no meio de nós realizando a sua Obra de Salvação.

Essas questões, consideradas teológicas, exigem ciências auxiliares que se preocupam desde a química até às inúteis abstrações. Criaram — e ainda conseguem fazê-lo — muitas divisões nas comunidades que professam a mesma fé.

Queremos retomar a Eucaristia no seu sentido mais genuinamente primitivo e perene. Não dependente de uma escola teológica. Os primeiros cristãos não elaboraram muito a noção de presença do corpo e do sangue de Cristo. Para eles a Eucaristia, mesmo não negando nenhuma dessas facetas, era o sacramento da **imortalidade** da Pessoa do Crucificado e semente de imortalidade para todos os que a celebravam, comiam, comungavam, veneravam com todo respeito e dignidade. Seus efeitos eram visíveis no modo de ser da comunidade eucarística autêntica (Atos). O tema da **espiritualidade** eucarística se torna, pois, mais evidente e essencial do que as especulações sobre o "modo".

Muito mais do que saber os meandros das operações miraculosas do mistério, os cristãos primitivos tinham a convicção de que a Eucaristia era o dinamismo da **força santificadora e vivificante** do pão da Vida e do vinho do Reino. Isso não separa as dimensões de adoração e de transformação. S. Gregório Nazianzeno, na oração fúnebre de sua irmã dizia: "Ela se prostrava aos pés do altar e invocava com clamores Aquele que adorava" (PG 35, col. 810).

É muito significativa a análise dos **"Hinos e orações dos primeiros cristãos"** (Deiss, Paris, 1963): o corpo do Cristo e o cálice que são nossa bebida e comida... nos fazem louvar o Cristo que habita nos céus. Nunca se encontra um louvor explícito dirigido ao Cristo presente na Eucaristia. "Por, Com e Em Cristo" vale mais do que "a" ele.

Nestas páginas queremos considerar mais um Cristo que caminha conosco, que nos introduz na intimidade do Pai e que permite a ação do Espírito Santo em nós. Queremos vivenciar e revelar a força da Eucaristia no **HOJE DA HISTÓRIA**. Queremos que o Sacramento da Eucaristia nos faça reviver o **Acontecimento** salvífico em sinais, tornando-se realidade para a Humanidade, mais do que os sinais de um acontecimento passado apenas recordado. A tendência de mimetizar a Ceia pode esvaziar — litúrgica, histórica e teologicamente — a Eucaristia que celebramos.

1. OS SINAIS DA EUCARISTIA

Queremos partir dos próprios sinais da Eucaristia. Não apenas como

os vemos, mas como apresentados e dados pelo Cristo na Ceia da Nova Aliança. Não se trata, pois, de introduzir no pão e no vinho o Cristo concebido por nós a partir de uma corrente teológica ou de uma catequese preliminar. A superficialidade da catequese doutrinariamente concebida como um "contar a história de Jesus" para o conhecimento de nossos contemporâneos, permitiu acolher a hóstia como a moradia do "Menino Jesus", do "Senhor das chagas", do "prisioneiro a ser consolado". Muitas catequeses da missa, em livros de piedade, queriam reproduzir as etapas da paixão significadas na ação litúrgica. Trata-se de reencontrar o profundo significado da ação salvífica de Cristo. Ele se fez **obediente ao Pai até à morte**, isto é, morreu porque obedeceu; não se trata de uma ordem do Pai que queria vê-lo morto. Não "morreu para obedecer à crueldade de quem mandou matá-lo; mas foi tão obediente ao plano do Pai e aos valores do Reino que o mundo não o suportou e, desobedecendo aos desígnios amorosos de Deus, o crucificou.

Mas a vida, de que é dono, ninguém lhe tira, nem mesmo pela violência. Ele mesmo a oferece e entrega livremente (Jo 10,18).

Muitas vezes a Eucaristia foi tratada fora do contexto do mistério pascal. Transformou-se em rito mimeticamente reproduzido. E isto até o ponto de fazer da celebração apenas um momento para obter o "produto" — sem irreverência — que era a presença real para ser vista e venerada, adorada, homenageada. Essa é a história tristemente vivida a par-

tir da Idade Média até os meados do século XX.

1.1. O CORPO ENTREGUE — PÃO APRESENTADO

É preciso começar olhando para o pão com olhar de verdade. Antes, tornar a "hóstia" mais sinal de alimento possível de ser fracionado, partido e repartido entre várias pessoas (IGMR 283). Então, começar a ver o "fruto do trabalho do homem". Assim começamos também a perceber, no pão que abençoamos, "aqueles que o puseram no forno, aqueles que manipularam a massa, aqueles que esmagaram o grão. Entram em ação o moleiro, o carroceiro, os malhadores, os ceifeiros, o semeador, o lavrador". Que rica evocação de todos os que, através das nações e ao longo das gerações, são convidados a vir repartir o "seu pão". Só com esse fato de apresentá-lo à comunidade, todos os que trabalham para ganhar o seu pão deveriam se sentir convidados a partilhá-lo com os demais.

Como o pão cotidiano é a motivação fundamental para o trabalho de quase a totalidade dos seres humanos, só ficariam excluídos os que não produzem alimento para seus irmãos, mas vivem da exploração dos próprios semelhantes. Esses não teriam parte no pão apresentado. Iriam roubá-lo uma vez mais e não repartir. O trabalho, assim, daria sentido ao pão e o mesmo pão, logo a seguir, viria dar sentido ao trabalho humano. E como o trabalho é fator fundamental de realização e condição para se conquistar a libertação

de todos os seres humanos, esse mesmo pão apresentado passaria a dar sentido à vida toda. "Dominar a terra" é dom do Senhor; o "suor do rosto" é que aparece como castigo. Voltar a trabalhar em condições dignas de seres amados por Deus, é libertação do pecado, é redenção, é nova condição das criaturas em Cristo, é sinal do Reino de comunhão entre as pessoas.

É bem por isso que Paulo VI quis dar destaque ao rito de **apresentação das oferendas** — e notem que não é de "ofertório". Quer dizer, um simples olhar sobre os sinais do sacramento e não ainda do sacrifício do Cristo: frutos da terra e do trabalho do homem. O ritmo das nossas celebrações não permite uma socialização dessa eucaristia nem uma sacralização sacrificial dos elementos que constituem os sinais da celebração.

Dentro de uma espiritualidade da eucaristia, é preciso ser atentos aos passos a serem dados. Não basta a afirmação doutrinal a respeito da presença de Cristo. O sacrifício que fazemos é de **comunhão**, isto é, de unidade entre a realidade humana e a misteriosa entrega de Deus. Quando Jesus entrega seu corpo e assim sacramentaliza em sinais a celebração de sua memória, ele tem profundo conhecimento de nossa condição humana e pecadora, de nossa nova situação de comungar com ele e de nos santificarmos.

O capítulo 6 de João, no seu Evangelho, mostra como Cristo foi pedagogo exímio ao apresentar a vida sob dois ângulos essenciais à liber-

tação integral: "Eu sou o pão da vida". Mas também acrescenta: "Quem crê em mim terá a vida eterna." Ele se apresenta como a Palavra que salva. Assim como a convivência, o diálogo, a fraternidade são essenciais à partilha do pão material, também a Palavra de Deus é essencial para dar sentido a este pão apresentado para que ele tenha significação na vida da fé. A comunhão com a pessoa de Cristo por meio do pão supõe a vida em Cristo, supõe uma atitude de fé. Mas a vida de fé não é possível quando o repartir dos bens provocam desavenças e até lutas.

Vemos como é essencialmente unitária a visão da eucaristia como sacramento da fé e a constituição da comunidade fraterna. Os cristãos faziam a "fração do pão" celebrando a eucaristia, mas anunciavam a verdade deste mistério pela partilha de seus bens: "e não havia necessitados entre eles" (At 2,42; 4,32s.). É fácil notar a unidade da vida cristã com a celebração autêntica da eucaristia (Cf. 1Cor 11,17s).

— Poderíamos considerar subversivo o texto que segue, ou atribuí-lo a um qualquer "teólogo da libertação" se não fosse assinado pelo catequeta São João Crisóstomo: "... o mesmo que disse 'isto é o meu corpo' e que o realizou ao anunciar, também disse: 'me viste com fome e não me deste comida'.../ Que vantagem há que o altar de Cristo esteja coberto de cálices de ouro, quando ele próprio morre de fome? Começa por alimentar os famintos e, com o que te sobra, ornamentarás o altar..." (Este pensamento o San-

to Padre desenvolve como exigência de conversão, na homilia 82 n.ºs 1 e 4.)

Só à luz de sua páscoa esse pão toma um sentido de novidade. De entrega da própria vida. Da maior prova de amor que se possa dar. Colocar em comum o pão, é apreço pela vida dos outros. Mas entregar-se a si mesmo e colocar a vida do outro por cima da própria. O pão que nos é dado, é Cristo "aceitando livremente a sua paixão". E isso porque sabia que assim estaria restituindo a vida a todos os seus irmãos, assumidos na encarnação. Ele viveu entregue aos homens, por obediência a seu Pai. Foi para isso que ele veio. Entregou a Palavra; entregou-se nos sinais do pão e do vinho; entregou-se na paixão e morte. Mas sua entrega foi eficaz: agradou o Pai que o glorifica e agradou a toda a Humanidade que nele encontrou a redenção (Cf. Jo 17). Nem ele nem seus irmãos se perdem com a entrega de Jesus, a não ser o filho da perdição.

Tomar deste pão apresentado para a vida do mundo, em memória do Senhor Jesus, é optar por uma vida entregue, em conformidade com a Palavra que situa a pessoa face ao Reino. Entender a Eucaristia à luz da Palavra, é tornar-se capaz de uma vida doada para testemunhar o amor e uma atitude permanente de reconstrução dos tecidos mesmos da sociedade. Isso pode levar até à morte — veja Mons. Romero! — mas é o caminho de uma eucaristia como Cristo no-la deixou. O escândalo de nossas sociedades esfaceladas, sem ter o pão em comum, é que consegue ainda "repetir" a celebra-

ção da missa sem colocar em questão essas situações aberrantes com relação à Palavra e ao Reino.

1.2. VINHO APRESENTADO E SANGUE DERRAMADO

O vinho é esse ingrediente festivo que é indispensável para que se mantenha o ritmo de alegria, realização e esperança no compromisso do trabalho. Trabalha-se tanto para preparar uma festa — suor e cansaço — mas também se julga compensador festejar com os amigos.

E na festa nunca falta o “vinho” mesmo sob outras formas (cerveja, refrigerante, etc.).

O abandono da comunhão no cálice foi lentamente progredindo a partir do século XII e se consolidou, no Ocidente, no século XV. Isso, mesmo encontrando-se muitos testemunhos de que, em determinadas circunstâncias, se comungava só com o pão ou só com o vinho desde os tempos mais primitivos. Mas não era regra geral.

Apenas um exemplo que ilustra a estima pela comunhão sob as duas espécies: S. Leão Magno qualifica de perversa a atitude dos maniqueus que se contentam com tomar a comunhão só com o pão ou só com o vinho e impõe aos presbíteros a expulsão de tais membros da comunidade. Qualifica tal comportamento de “sacrílega simulatio” (Sermão 42, De quadragesima IV, 54, 280).

Evidentemente tal tomada de posição é pastoral e catequética, devi-

do à sua profunda significação sacramental e eclesial. Do ponto de vista doutrinal — eficácia, realidade — é evidente que em cada uma das espécies o Cristo está vivo e, portanto, todo inteiro.

Santo Tomás, após afirmar: “do ponto de vista do sacramento como tal, é conveniente que se consuma uma e outra espécies, o corpo e o sangue, porque a perfeição do sacramento consiste em ambas” (Suma III, q. 80; a. 12), e depois de impôr a obrigação desse gesto para o sacerdote, diz que os fiéis podem comungar apenas uma sem prejuízo algum. E dá a razão: “porque o padre oferece e consome o sangue em nome de todos e que o Cristo está inteiro em cada espécie” (Ibd. ad 3).

Neste plano vale a explicação. Mas o valor significativo é negligenciado. Afeta-se, com tal preocupação pela eficácia, a perfeição do sacramento que é para o homem, ser simbólico por natureza. Trata-se de atingir “a plena, consciente e ativa participação de todo o povo”; isto visa a restauração do Vaticano II e a própria natureza da liturgia para responder a um **direito e dever** do povo cristão (SC 14; cf. 21, 41, 48, 55 também).

É riquíssima a significação do cálice ao longo de todo o Antigo Testamento. Mas o novo testamento ainda enriquece o sentido do **vinho novo** do Reino; basta ler Bodas de Caná onde se encontra a libertação de situação embaraçosa, uma Economia nova, e é inaugurada a entrada solene do Cristo que, pelo sangue derramado anuncia a consumação ple-

na, evocando o Banquete escatológico (Cf. Mt 26,29; Mc 14,25; Lc 22, 18). É assim que a Eucaristia é instituída: "comemos este pão e bebemos deste cálice até que ele venha" (1 Cor 11,26).

1.3. CORPO E SANGUE NA AMÉRICA LATINA

Vale começar com a sentença de Teodoreto de Cyr: "Como poderlas tomar com tua boca o precioso sangue, tu que fizeste, por tua crueldade e de modo criminoso, correr tanto sangue. Afasta-te portanto" (Ecclesiástica história, V, 17, PG 82, 1231).

Num continente violentamente estruturado para derramamento de sangue inocente em todos os âmbitos — econômico, educacional, sanitário, escravidão de oprimidos... — é preciso celebrar o "Sangue Redentor" de modo mais significativo. Como teríamos coragem e esperança para continuar lutando pela "restauração do mundo em Cristo" se apenas sobrevivemos? O Cálice vem denunciar os que hoje, não gritam, mas realizam o "crucifica-o" no mesmo corpo de Cristo — **seus membros**. É preciso refontizar a fé e a esperança naquele que nos redimiu com seu Sangue para criar a união necessária à vitória. É mister também, uma dose máxima de **esperança escatológica** face à lentidão dos processos de restauração de situações desesperadoras, inumanas e urgentes. Jocosamente se dizia: "procuram um tal Medellín" subversivo. Foi uma primeira tomada de consciência e uma denúncia do es-

cândalo que combinava "continente de injustiça e celebrações de missas", até para o último golpe de estado de exploradores do povo. A Igreja, e conseqüentemente a Eucaristia, começou a tomar fisionomia de "morte para a ressurreição". Vieram os questionamentos. Mas com a Conferência Episcopal de Puebla, apesar das manobras e dos investimentos de honra, dinheiro e personalidades, a Igreja fez opções em que o Sangue de Cristo, vertido por mártires, deixou de ser "martirologio romano" e se tornou bem do **HOJE** da liturgia e da realidade vivencial, histórica, experiencial. Assumir a ação que a Igreja se propõe, inclui uma decisão para o martírio não só possível, mas, em muitas circunstâncias, provável. É preciso alimentar-se com o Corpo de Cristo para caminhar, mas o **SANGUE DERRAMADO** é o que oferece, de modo significativo e sacramental, a esperança de vitória.

Sem distendermos muito, o tema existencial "POBRE-EUCARISTIA" está desafiando os teólogos. A Cristologia e a Eclesiologia têm fisionomias latino-americanas, mesmo quando incompreensíveis para Europeus e ofensivas para as CIAs. Mas a Sacramentologia está ainda em gestação. E essa será o sinal visível de uma verdadeira **fé libertadora**. Pois é a partir dos ritos e orações que **os fiéis penetrarão no significado do mistério celebrado** (Cf. SC 48; EM 15).

Eis o desafio: teremos uma fé viva, sem a correspondente celebração ou continuaremos com celebra-

ções ausentes do processo de fé que se vive?

2. POBRE — IGREJA — EUCARISTIA

Há alguns anos poderia parecer herética uma asserção como a que segue: **"Sois um sinal, uma imagem, um mistério da presença de Cristo. O sacramento da Eucaristia nos oferece sua escondida presença, viva e real; vós também sois um sacramento, isto é, uma imagem sagrada do Senhor no mundo, um reflexo que representa e não esconde seu rosto humano e divino. Recordamo-vos o que disse um grande e sábio bispo, Bossuet, sobre a eminente dignidade dos pobres: 'E toda a tradição da Igreja reconhece nos pobres o sacramento de Cristo, não certamente idêntico à realidade da Eucaristia, mas em correspondência analógica com ela'."** E, no entanto, é o próprio Paulo VI, de saudosa memória, que assim falava aos trabalhadores da América Latina durante um contexto muito importante: o Congresso Eucarístico Internacional, realizado em Bogotá, e a abertura da Conferência Episcopal Latino-americana de Medellín (1968).

Certamente foi um momento histórico para a Eclesiologia da Libertação. Inclusive como incentivo a um novo tipo de ministros, quando diz aos neo-sacerdotes por ele ordenados: **"Tenham a lucidez e a valentia do Espírito para promover a justiça social, para amar e defender os pobres: para servir com a força do amor evangélico e com a sabedoria da Igreja, mãe e mestra, as necessidades da sociedade humana."**

O contexto eucarístico-latino-americano empresta à fala do Papa uma coloração desafiante para olhares desconfiados de que a relação "pobre-política" é perigosamente próxima do "comunismo". Ser bispo dos pobres é tornar-se "vermelho". Mas o mesmo tempo vem colocar um desafio à própria vida da autêntica Igreja de Jesus Cristo quanto ao seu modo de agir. De fato, a Igreja sempre ajudou os pobres; é inegável! Igualmente, porém, é forçoso reconhecer com simplicidade — devido à sua evidência — que as estruturas eclesiais são ainda bem devedoras de aliança burguesa e que a convivência com os poderes dominantes, mesmo opressores, desmantelou seu vigor profético. Felizmente, pelo menos em nosso continente, reaparece a força do Bispo-Mártir Romero, somado a centenas de anônimos cristãos que entram no calendário dos mártires. Embora o Documento de Puebla não empregue o termo, por considerá-lo técnico na Igreja com referência aos "canonizados", o conceito é bem explícito nos n.ºs 265, 668, 1137, 1138. E o termo aparece entre aspas no índice analítico oficial do Celam. E não apenas aqueles que morreram, mas os "pobres" e os que em solidariedade com sua causa, e que sofreram e sofrem "perseguições e vexames" por causa da denúncia profética (DP 1137-1138).

Enquanto essa relação entre Igreja e Pobres cresce na prática pastoral e se sistematiza teologicamente, a sua relação com a Eucaristia é ainda pouco explorada, teológica e pas-

toralmente, e muito viglada disciplinarmente. Até mesmo é qualificada de "abuso litúrgico". Seria, acaso, a espiritualidade da opção pelos pobres constrangida a ser vivida à margem da celebração da Eucaristia e à margem do culto eucarístico? Acolher com abertura as tensões do mundo dos pobres e continuar a fazer missas tranqüilas e tranquilizadoras?

A Ceia do Cristo, por ventura, passou-se na alegria da festa ou foi um momento sumamente conflitivo na história de Jesus de Nazaré com os apóstolos, assumindo tudo isso no desenrolar mesmo da Ceia?

Os qualificativos eucarísticos de **Corpo entregue** e **Sangue derramado** não foram empregados num sentido indicativo do que iria acontecer depois, mas foi o sacrifício "voluntariamente aceito" e simbolicamente realizado. O Acontecimento que se segue é o cumprimento histórico.

Além disso, as situações em que se reúnem nossas comunidades são historicamente **tensas** e desafiantes. A Eucaristia deve assumi-las em sua realidade, mesmo que seja em sua linguagem própria — a simbólica, e fazer de tudo isso um sacrifício de redenção, de libertação, de unidade, de esperança cristã. Só assim a Eucaristia se tornará não apenas a celebração dominical da comunidade eclesial, mas o "pão nosso cotidiano" para os que se consagram de modo mais decisivamente total à causa do Reino a ser estabelecido sacramentalmente neste mundo. E não será um luxo ou riqueza ou desperdício a missa diária, mas uma ne-

cessidade de voltar à dimensão profética do sacrifício de Cristo para a construção dessa sociedade em que a páscoa não se reduza a uma data, mas se abra para a própria experiência vivida e fonte de toda a espiritualidade cristã.

3. DESAFIOS A TEOLOGIA E A VIVÊNCIA DA EUCARISTIA

Já aludimos ao gesto profético e aos discursos de Paulo VI ao inaugurar a II Conf. Latino-Americana dos Bispos em Medellín. Recordando seu apostolado juvenil, aproximou a presença do Cristo Eucarístico com a presença do mesmo Cristo no pobre. Essa analogia acompanhou Paulo VI desde seus primeiros passos no apostolado presbiterial. Para ele, essa dupla forma ou modo de uma presença verdadeira é a transcendência e a imanência da experiência cristã.

Pois bem, não se trata de acrescentar um capítulo ao trabalho da Eucaristia que se encontra nos manuais. Assim como a celebração eucarística, por longo tempo passou a ser caracterizada pela "presença" e portanto, pelo "culto" desligado da própria ação litúrgica; assim como, ainda hoje, a comunhão nem sempre se integra à Ceia, mas às vezes se vai à missa sem participar de sua plenitude ou então se vai "para comungar" num sentido individual de "receber Jesus", correr-se-ia o risco de absolutizar uma Eucaristia "social-político-econômica" (missas de protesto) ou se dispensar pacificamente desta dimensão quando se trata de missas mais ou menos "ofi-

ciais", com grupos descompromissados da caridade fraterna.

O desafio real é a revisão profunda da teologia e da espiritualidade eucarísticas que incluam, como dimensão intrínseca ao Mistério pascal, a visão de uma sociedade de amor, de justiça, de paz, de fraternidade. De uma Eucaristia que vem libertar o Povo de Deus de todas as condições indignas dos seres humanos, considerados e realmente constituídos como "filhos no Filho" que por nós se entregou e, obedecendo, derramou seu sangue.

Entre as Conclusões de Medellín encontramos essa: **"Fazer com que nossas pregações, catequese e liturgia tenham em conta a dimensão social e comunitária do cristianismo, formando homens comprometidos na construção de um mundo de paz."**

Na hora atual da nossa América Latina — e eu diria da Igreja — como em todos os tempos, a celebração litúrgica coroa e comporta um compromisso com a realidade humana, com o desenvolvimento e com a promoção, precisamente porque toda a criação está inserida no desígnio salvador que abrange a totalidade do homem. Poder-se-ia reler todo Medellín.

Pela primeira vez vejo, na história dos Congressos Eucarísticos, a releitura do Magnificat em clave eucarística. Reino proclamado por Maria, dentro de um contexto que Erich Fromm chama de "sadiamente subversivo" — juntamente com as bem-aventuranças, e celebrando o misté-

rio da Vida-Paixão-Morte e Ressurreição de Cristo, no HOJE, da história.

Certamente somos devedores de um aprofundamento experiencial e teológico da Eucaristia. Não se trata de suprimir os dados da fé consolidada na Igreja. Mas se faz necessário celebrar o mistério de Cristo de modo **"pascalizante"** no HOJE de nossa história e com expressões culturalmente adequadas (Objetivo do Departamento de Liturgia do Celam). Prestar um culto ao Cristo presente que realmente conjugue o **"Por Cristo, Com Cristo e Em Cristo"** com a caminhada libertadora do Povo de Deus em marcha para o Pai. Comungar não como solitário-nostálgico do **"após-morte-na glória"**, mas de inserção neste Corpo entregue e Sangue derramado para que sejamos santificados na verdade (Jo 17,19). Sentar-se à mesa da Ceia para que a Eucaristia faça a Igreja, a fim de que a Igreja antecipe o Banquete da plena comunhão e participação na vida mesma da Trindade.

Viver a espiritualidade eucarística é acreditar na força e vigor do Espírito Santo na transformação da vida pessoal e da história da Humanidade. É colocar a comunidade que celebra e vive da Eucaristia em estado de pascalização de sua vida pessoal e da história da qual somos todos agentes e estamos vivendo como pacientes pela situação de opressão. E incluir na construção da sociedade **"sinal de salvação"** as **"pedras vivas"** rejeitadas pelos construtores do mundo de incoerências com o plano de Deus

Assim a Eucaristia se transformará em valorização da pessoa humana, em fator decisivo na constituição da Igreja evangelicamente reconhecida como "sinal de contradição" com toda espécie de pecado, e a comunidade que celebra se compromete com a realidade do mundo de hoje como antecipação da verdade e da unidade trinitária.

Comungar com o Corpo entregue é entregar-se com ele à causa do Reino; tomar do Sangue derramado é dispor-se a sair da própria acomodação e entrar na luta pela libertação integral dos irmãos.

A Eucaristia tem em si uma força transformadora da vida cristã, religiosa e ministerial da Igreja, a fim de que ela seja Sinal de libertação no mundo. A Eucaristia convoca, propõe a conversão ao Reino e assim realiza a unidade em Cristo.

Maucyr Gibin, sss

Endereço :

Rua Santa Ifigênia, 30
01207 São Paulo.
Tel. (011) 229-6706

BIBLIOGRAFIA:

1. Nicolas, o.p. "L'Eucharistie" — Collection Je sais, je crois-Paris.
2. J. Betz, "Eucaristia, mistério

Central", em *Mysterium Salutis IV/5 Vozes*, Petrópolis, 1977.

3. J.M. Castillo, "La Eucaristía, problema político" em *La alternativa cristiana*, Salamanca, 1979.
4. G. Comment, sss, "L'Adoration eucharistique dans le renouveau liturgique" em *Parole & Pain*, n.º 13 (1966) p. 88-112.
5. M. Gibin, sss, "Sinais da Eucaristia" em *A Vida em Cristo e na Igreja* n.º 63 (1984) p. 6-14.
6. F. Castillo, "Pan de vida, derecho a la vida" em *Fe y Solidariedad* n.º 17 (1980).
7. Olivier, Richard-Molard, "Dimension sociale du culte chrétien" em *Parole & Pain* n.º 66 (1984) p. 390-397.
8. A. Haddad, sss "A dimensão eclesial e social da graça eucarística no ensinamento de Paulo VI". Tese doutoral na P.U. Gregoriana, Roma (1984). Artigo em "A vida em Cristo e na Igreja" n.º 69 (1985).
9. R. Johanny, "Comunion au calice" em *Parole & Pain* n.º 22 (1967) p. 349-370.
10. L. Boff, ofm, "O lugar do pobre" Ed. Vozes (1984), especialmente p. 103-117.

A VIVÊNCIA EUCARÍSTICA NAS ETAPAS INICIAIS DA FORMAÇÃO À VIDA RELIGIOSA

Quem seguiu o convite de Jesus para viver na sua companhia a pregar o Reino (cf. Mc. 3,12) busca, com a necessidade nascida do amor, os sinais de sua esperança. Entre estes ocupa o primeiro lugar a EUCARISTIA.

A Eucaristia, "fonte e cume de toda a vida cristã" (LG. 11), é o centro da vida espiritual de uma comunidade religiosa. Ela significa e realiza o amor em nossas comunidades (ET. 48).

"Reunidos em nome do Senhor, as comunidades religiosas têm como centro natural a Eucaristia; portanto, é natural que se agrupem visivelmente em redor de um oratório no qual a presença do Santíssimo Sacramento expressa e realiza aquilo que deve ser a missão principal da família religiosa."

Este desejo de Paulo VI, João Paulo II, o fez seu no Novo Direito Canônico.

— As casas devem ter, pelo menos, um oratório, no qual se celebra e conserva a Eucaristia, para que seja verdadeiramente o centro da comunidade (C. 608).

O Decreto do Vat. II, sobre a adaptação e Renovação da Vida Religiosa, dá-nos três princípios básicos, que devem orientar todo o programa da Formação.

1. A Vida Religiosa está centrada em Jesus Cristo. Ele é o centro. O fim da Vida Religiosa é, acima de tudo, a união com Ele (P.C. 1).

2. A apropriada renovação da Vida Religiosa compreende ao mesmo tempo contínuo retorno às fontes de

toda vida cristã e à inspiração primitiva e original do Instituto, e a adaptação do mesmo às novas condições dos tempos (P.C. 2).

3. Dever-se-á pesar com seriedade o fato de a melhor atualização às necessidades do tempo não surtir efeito a não ser que venha animada por uma renovação espiritual (P.C. 2).

Dizer que a união com Jesus Cristo é central à Vida Religiosa e à formação dos candidatos, significa si-

tuar o relacionamento pessoal entre os religiosos, formandos e Jesus Cristo, no coração e no centro de todos os relacionamentos. Isto quer dizer, se eu sou um religioso ou me preparo para sê-lo, então o meu relacionamento com Jesus Cristo deve ser o princípio organizador de to-

dos os relacionamentos de minha vida.

A formação chega então a ser uma questão de aprofundamento e estreitamento cada vez mais íntimo dos relacionamentos interpessoais entre formando e Jesus Cristo.

1 — A EUCARISTIA NO CENTRO DA CONVERSÃO AFETIVA NAS PRIMEIRAS ETAPAS DA FORMAÇÃO A VIDA RELIGIOSA

“Se em algo se pode caracterizar a alma latino-americana é por sua afetividade: tende por natureza à criação de laços pessoais estreitos. A formação para a oração deve captar e educar essa afetividade de modo que se transforme em encontro pessoal com Cristo e em relação filial com Deus Pai” (Formação Para a Vida Religiosa na AL — CLAR — N.º 3).

Quando um jovem ou uma jovem pretendem ingressar num Instituto de Vida Consagrada, devem fazê-lo com a totalidade de suas pessoas, incluindo a sua capacidade afetiva. Se continuassem a viver no mundo, a capacidade humana de amar teria seguido o seu caminho e desenvolvimento natural, voltando-se primeiramente ao amor aos pais, amigos, amigas, e logo mais à noiva ou ao noivo, depois à esposa ou esposo e aos filhos. É este o caminho traçado pela Divina Providência para a maioria dos homens e mulheres conseguirem a sua plena realização humana. A afetividade vai crescendo nos adolescentes e nos jovens, fazendo-se cada vez mais intensa e perentória,

até chegar a cume, no matrimônio e nos filhos.

O jovem noviço ou noviça, de vinte anos, ao ingressar na Casa de Formação traz consigo a torrente violenta de amor, que teria encontrado, na vida civil, a sua evasão e apaziguamento na noiva ou no noivo, na esposa ou no esposo. Mas, no Postulado, no Noviciado e no Juniorado está ausente a noiva e o noivo, e está presente a ansiedade de amar.

Qual será, depois da entrada na Casa de Formação, o objeto próprio efetivo que deverá converter-se no fogo luminoso no qual se projetam a alegria, o entusiasmo e a entrega, que teria oferecido ao cônjuge? Este objeto deverá ser muito mais formoso, mais atraente, mais valioso do que a mais formosa, atraente e valiosa das noivas ou o mais bríndado dos noivos, com quem alguém poderia sonhar. Se for diferente, o amor não poderá agir com alegria, com entusiasmo, com entrega total; e então, bem no fundo do inconsciente, no recanto mais íntimo da personalidade pode continuar vivendo a noiva ou noivo propostos, para al-

gum dia voltar a ocupar o seu lugar privilegiado.

Para os chamados à Vida Religiosa, a sua escolha recai em Jesus Cristo. É Jesus Cristo, que será de agora em diante, o principal objeto de sua afetividade. E Ele deve ser amado com entusiasmo, com alegria, com a abnegação e com a entrega com que os noivos se amam mutuamente. É Jesus Cristo que agora é a noiva, o noivo. Ocupa no coração do jovem noviço e da noviça o lugar que ela ou ele ocuparia. Os noivos se amam, dando-se mutuamente o melhor, o mais valioso que neles existe para demonstrar que realmente se querem bem. Nunca se cansam de pensar em seu objeto amado, mantendo doces conversações, procurando dar-se mutuamente agradáveis surpresas; buscam mil oportunidades para encontrar-se, contemplar-se, gratificar-se, amar-se. Não importam sacrifícios, por mais difíceis e dispendiosos que sejam, para provar o seu amor.

Se os formandos, e logo a seguir os religiosos, não amarem a Jesus Cristo com essa totalidade de sentimentos, então permanece neles uma "quota afetiva vazia", sem uso, uma vez que o amor não é dirigido para o seu objeto próprio. Então, aonde irá parar esta quota? Quando o verdadeiro objeto afetivo, que é Jesus Cristo, não é amado em plenitude, o formando não terá outra solução que buscar outros objetos que satisfaçam suas necessidades afetivas, porque o coração não pode viver sem amor. Se não buscar o Amor na sua realidade total — Deus

é Amor — buscará, então, nos transitórios dessa realidade, em amores espúrios para acalmar sua ansiedade, sua angústia. Serão pensamentos e desejos demasiado humanos para alguém que ouviu o chamado misterioso e privilegiado para uma consagração religiosa; serão gratificações nas amizades, talvez mesmo sob pretexto de apostolado, mas superfluas; serão prazeres e distrações no comer, no beber, no ausentar-se da comunidade, mais do que o necessário... , enfim, um desgaste lamentável de uma magnífica riqueza que somente Jesus Cristo devia preencher.

Ama-se o Senhor, dando a Ele com santa pressa e muita fidelidade tudo o que a Ele pertence, sem reter nada, e ainda mais, o próprio amor irá acrescentando outras coisas mais, que não estão nos planos e regulamentos das Casas de Formação, mas que o código do amor registra no coração dos amantes. O amor a Jesus Cristo e a extensão do Reino do Pai, que Ele veio anunciar, terá sempre seu lugar privilegiado.

Assim, por exemplo, não se deixará o Senhor, sozinho, por dias e noites, no sacrário, procurando se aproximar Dele só nos momentos prescritos. Tal proceder é inadmissível incompreensível para um cristão que fez opção radical por Jesus Cristo e O escolheu como centro de sua vida. Ao longo do dia, a lembrança do Senhor estará presente em todos os atos e em todas as decisões, como está presente na mente e no coração do noivo, a noiva e vice-versa, e isto sem esforço e com grande alegria.

A falta de uma entrega total e entusiasta ao Senhor, cujo amor indescritível pela Humanidade fê-Lo aniquilar-se ao ponto de assumir as espécies inanimadas de pão e vinho para permanecer entre nós, gera realmente mediocridade, insatisfação, irrealização e muitas vezes o completo abandono do objeto afetivo escolhido. Em consequência se volta a transitar o caminho do amor humano, que encontra seu objeto afetivo natural na noiva, no noivo nos filhos. Pergunto aos queridos Mestres e Mestras, em cujos centros de formação já passaram dezenas e centenas de jovens, se não é esta a verdadeira história, mil vezes repetida não decorrer dos anos, na Igreja, em suas Congregações, em nossas Províncias e em nossos Seminários?...

"A memória do Senhor, é a certeza de sua presença. A presença do Cristo Ressuscitado, tornada de certa maneira sensível, é mais uma razão irresistível de estimar acima de tudo o mistério eucarístico. O celibato religioso será sempre uma ferida na carne dos consagrados, creio, eu. Mas, este 'dom' do Senhor (Mt. 19,11) vem se ajuntar este outro, o Pão da Vida, Corpo e Sangue de Cristo ressuscitado. Por seu apelo Cristo me convidou a segui-Lo. Compreendendo o amor privilegiado que Ele me tem dispensado, descobrindo que Ele me seduziu, eu me dei a Ele. A exemplo da Igreja, sua Esposa, eu aceitei que Ele seja o primeiro de minha vida, o único mesmo, do qual derivam todos os outros. Mas todo amor, o que nos une, Cristo e eu, tem necessidade de gestos, de intimidade. Ora, aquele a quem me consagro, e a quem me dou de corpo e alma, eis que se oferece a mim"

(L'Eucharistie, fête quotidienne-Vie Consacrée-Jean Harlé-Mariste).

Como saber se a conversão afetiva se está realizando? Ela se dá no momento em que o amor invade o coração. A pessoa fica absorvida pelos interesses do Reino. Cresce a sede do Senhor e o desejo de se entregar mais aos irmãos, irmãos do ser Amado. Nos momentos de sossego, quando não há uma preocupação imediata, para onde vai o coração? Se a conversão se deu, o coração espontaneamente voa para o Senhor, ou para as pessoas com Ele relacionadas.

A pessoa que sofre essa transformação afetiva volta continuamente para o Senhor. Nele encontra seu centro e seu repouso. Experimenta também a necessidade de comunicar a "boa-nova" aos outros; experimenta alegria em dedicar-se aos mais abnegados apostolados. Então é que ocorre a integração entre oração, contemplação e vida. Tudo alimenta a oração, e o trato pessoal com Cristo leva por sua vez ao trabalho por Ele e com Ele.

Esta conversão supõe libertação interior de todo afeto egoísta, escravizador, o que constitui uma árdua tarefa durante todo o tempo de formação, não apenas inicial, mas da vida toda. "Bem-aventurados os corações puros porque verão a Deus."

Essa foi a experiência de conversão que S. Paulo teve em Jesus Cristo. Nele não havia dicotomia entre vida e oração. Carregava em si o amor de Cristo, por quem se ale-

grava em trabalhar e sofrer. Essa foi também a experiência de nossos Santos Fundadores, que de dia trabalhavam na messe do Senhor e passavam noites inteiras aos pés do

Sacrário. Assim, também, toda a vida dos formandos e dos religiosos está chamada a converter-se em espiritualidade, pela conversão do coração a Jesus Cristo.

2 — A EUCARISTIA, CENTRO DA COMUNIDADE FORMADORA

Um pouco na linha do que foi dito anteriormente sobre a necessidade afetiva dos formandos, a Comunidade Formadora se constitui no segundo objeto próprio da afetividade, quando animada e impregnada por uma verdadeira espiritualidade eucarística.

Ela substitui o lar que os formandos deixaram. A necessidade de amar e ser amado vê-se satisfeita, quando todos os membros da Comunidade, sem distinção de origem, de caracteres, de modalidades, de atitudes se amam como irmãos. Este amor enquadra, não apenas os formandos entre si, mas também os formadores, os superiores locais, provinciais, gerais e se estende para todo o conjunto da família religiosa, que à semelhança de Jesus Formador, recebe as vocações como um dom do Pai.

Tudo quanto se relaciona com a vida da família religiosa deve encontrar em cada formando e em cada formador um colaborador entusiasta e abnegado, e um elemento de alegria e otimismo, tanto em momentos de bonança como nas dificuldades..

Muitos jovens, hoje em dia, são inclinados para a Vida Religiosa pela

atração de uma bela e agradável vida fraterna. Mas, pensar que vão encontrar comunidades perfeitas, sem problemas e desencontros, é um dos mitos da vida comunitária. A comunidade se constrói com a participação de todos e no coração da vida comunitária, o gesto, no qual vimos a ser aquilo que recebemos: O CORPO DE CRISTO. É o que Santo Agostinho costumava lembrar aos cristãos de seu tempo, a relação entre a Eucaristia e a união entre eles. Dizia assim: "Vocês dizem AMÉM àquilo que vocês são... Vocês recebem o que vocês são: O Corpo de Cristo" (cf. A Eucaristia, Centro da Comunidade-Hogan, CSC).

É importante, que desde o tempo de formação, os aspirantes à Vida Religiosa não considerem a presença Eucarística na capela, apenas como um lugar tranquilo e sagrado, onde o grupo se reúne para os momentos de oração prescritos. Mas, que aprendam a interpretar e a ver a linguagem da MESA DO SENHOR, em que se celebra a comunhão fraterna, quanto possível todos os dias e o dia todo. Lá, tudo fala de comunhão: a Palavra acolhida, o Pão partilhado, o Cálice oferecido, a Paz trocada, o Pai invocado conjuntamente. Lá, tudo alimenta a comunhão; a invocação do Espírito Santo

para que seu amor reúna os filhos da Igreja, os membros da comunidade como grãos de trigo, a ação de graças, que num movimento unânime atribua tudo ao Pai. "Quando comungamos o Cristo, fazendo de sua vida um pão rompido por seus irmãos, nós vimos a ser na realidade o que recebemos, o Corpo de Cristo para a vida do mundo, sua Igreja, sinal de sua presença. Como a Eucaristia lembra a caridade, ela constrói a nossa fraternidade. Ela lhe dá, pouco a pouco, a fisionomia evangélica que vai transfigurar as suas fraquezas. Então, através do respeito às diferenças, da paciente aceitação mútua da partilha das alegrias e penas, se exprime pouco a pouco a esperança da vitória do Ressuscitado sobre as nossas estreitezas, nossas limitações e nossos medos (*Vie Religieuse et Eucharistie-Roudet, La Vie Spirituelle — CERF*).

Há várias passagens na S. Escritura que projetam luz sobre o que deveria ser a Eucaristia para uma Casa Religiosa. Jesus, ao lavar os pés de seus discípulos, no contexto da última Ceia, chama a atenção para o aspecto de serviço da Eucaristia, que Pedro iria entender mais tarde (Jo. 13,7). Todo o Evangelho de João foi escrito em contexto eucarístico. Não demora muito no relato da Instituição da Eucaristia, mas ressalta as suas implicações, por exemplo, de que os Apóstolos devem lavar os pés uns dos outros (Jo. 13,14). Eles devem formar uma comunidade de serviço mútuo, na qual todo o povo devia poder reconhecer que são discípulos de Cristo, porque se amam uns aos outros (Jo. 13,35). Toda a Ceia ritual com seu rico simbolismo

foi um rito de comunhão com os presentes, miniatura da comunhão que deveria caracterizar todo o povo de Deus, uma comunhão que terá seu cumprimento nas atitudes de serviço para com os outros. A Eucaristia é alimento para essa comunhão e esse serviço mútuo.

Referindo-se à Eucaristia, como centro de nossas comunidades, William Hogan diz que, a experiência nos ensina, que a presença eucarística em nossas casas não é garantia de milagres, nem produz automaticamente a conversão. Contudo, ela pode facilitar-nos a compreensão das possibilidades da comunidade para a missão. A referência à presença eucarística como centro da comunidade, deveria fazer refletir e abrir nossa visão nessa direção. A natureza humana dos membros se comunica uns aos outros em cada celebração eucarística. No rito penitencial se restabelecem as várias falhas contra a convivência, no espírito do lavapés mútuo... Os membros da Comunidade celebram juntos o seu ser humano e suas necessidades de cura e de força de Deus, enquanto louvam e agradecem a Deus Pai. Depois são enviados para os irmãos, fortalecidos com mais profunda união para a sua missão.

São os tempos passados com Cristo, em sua presença eucarística, que tornam os formandos mais capazes de crescer em seus sentimentos de amor mútuo, aceitação e perdão. É no silêncio de uma freqüente oração eucarística, que podem sentir o Cristo inflamar o espírito de amor, de atenção, de harmonia e de preocupação com os outros.

Muito a propósito escreve neste sentido o Pe. Falardeau (ver: A Vida Religiosa é uma Comunhão - "Review For Religious" — Vol. 43- — N.º 1): "Por ser uma pequena Igreja e um testemunho do Reino de Cristo, a Vida Religiosa precisa ser uma comunhão. Precisa refletir uma união com Cristo e com seus membros, que seja parecida com a descrita no Novo Testamento. O elemento principal desta fraternidade não é a adaptação humana de gênios. Antes, esta comunhão tem sua raiz na fé, no batismo e na vida em Jesus Cristo. No passado, a vida religiosa procurou desenvolver a "koinonia" pela uniformidade. Os noviciados eram lugares em que os homens e as mulheres aprendiam a conformar-se com padrões e maneiras de viver, prescritas nas Constituições e nos Costumeiros. A "singularidade" era o grande pecado da vida religiosa. A vida comum era identificada com fazer a mesma coisa, no mesmo momento. A "renovação", o bom senso e uma teologia renovada fizeram-nos entender, que um caminho desses para a perfeição é, de fato, contra o plano de Deus, que visa a diversidade; é contra a ação do Espírito Santo, voltada para o aperfeiçoamento dos membros do Corpo, dife-

rentes e diversificados. O espírito do cristianismo é criar unidade na pluriformidade.

Os amigos não precisam fazer as mesmas coisas no mesmo tempo. Podem ser diferentes e muitas vezes o são de fato. O Evangelho diz que devemos ser amigos. Isto não exige uniformidade. Jesus respeita a diversidade de seus Apóstolos. Nunca pediu que Pedro fosse como João. Ele tinha um amplo leque de gente, desde Pedro até Judas. Cada um tinha numa personalidade diferente e uma contribuição diversa a trazer ao colégio apostólico.

A Eucaristia é o centro da vida religiosa como o é da Igreja. Sua finalidade é unir cada religioso a Jesus Cristo e à santidade de Deus Pai. Jesus, o Senhor Ressuscitado, dá-nos o dom de seu Espírito, que nos une a Deus e ele produz a diferença e a variedade dos membros do Corpo ao criar a unidade no Cristo, em paz e harmonia. O Espírito é também quem transforma cada um, em membros do Corpo Místico de Cristo. Paz, harmonia e unidade são sinais de que a Eucaristia está agindo e de que o Espírito Santo está trabalhando em cada um de nós.

3 — A EUCARISTIA E A EXPERIÊNCIA APOSTÓLICA

O terceiro grande objeto próprio sobre o qual o formando deve voltar a sua afetividade é a missão para a qual Deus o chama. Não se pode amar Jesus Cristo, sem amar como Ele amou e sem imitar a sua atitude de anunciar o Reino e denun-

ciar tudo o que se lhe opõe, empenhando para isto a própria vida. "Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos" (Jo. 15,13). É diante deste gesto de doação total de Cristo, significado na Eucaristia e realizado na Paixão, que

os formandos confirmam concretamente o seu querer seguir Jesus Cristo.

Muito mais do que um símbolo estático, a Eucaristia significa todo o grande e incomensurável amor de Deus para com toda a Humanidade. A instituição da ceia nova, prefigurada pelo ritual judaico da Páscoa, a que mais tarde se viria a chamar "Eucaristia", louvor, agradecimento e bênção, é narrada pelo Evangelista Lucas com muita propriedade de termos (Lc. 22,14-20). O desejo ardente que transparece dos sentimentos de Jesus é de selar o compromisso que havia feito com a pessoa humana de todos os tempos e de todos os lugares, pela entrega de seu Corpo e do seu precioso Sangue. Não há limites nessa entrega final, assim como não houve limites na doação do dia a dia, no contato com as pessoas concretas de seu tempo. E estas pessoas eram todas elas carentes de alguma riqueza da vida: o surdo-mudo, a samaritana, a prostituta Madalena, o cego de nascimento, o ladrãozinho Zaqueu, o Judas que trai ou o Pedro que nega... No instante solene da instituição, Jesus recapitula toda a sua vida de entrega e doação e oferece também a todos nós a sua Pessoa, motivação última de nossa opção vocacional e da nossa própria existência.

Não se pode falar de espiritualidade eucarística, sem falar da exigência de pobreza. Segundo o relato dos Evangelistas, Jesus de Nazaré foi um pobre. Nasceu e viveu como um pobre. Seus preferidos foram sempre os pobres e os marginalizados da sociedade, sem contudo des-

prezar a ninguém, pois veio para salvar a todos. A sua prioridade absoluta: fazer a Vontade do Pai, cujo desígnio supremo sobre a Humanidade é "que todos sejam salvos e cheguem ao perfeito conhecimento da verdade" (1 Tim. 2,4). "Assim, através de toda a sua vida, Jesus de Nazaré, por amor a seu Pai e por solidariedade com todo o homem, quis se entregar até o fim. As palavras e os gestos da Última Ceia exprimem claramente esta vontade do Cristo. Além dos sinais, Jesus aceita de revestir a realidade da fragilidade humana, destruindo assim, pela raiz, toda forma de auto-suficiência. Aniquilou-se livremente, tornou-se o lugar de comunicação total entre Deus e dos homens entre si. Assim, Ele dá Deus aos homens e os homens a Deus. Ele faz surgir no coração da Humanidade uma fraternidade nova e radical, sinal da passagem da morte à vida. Com efeito, o Apóstolo João nos diz: "Nós sabemos que passamos da morte para a vida, porque amamos nossos irmãos. Quem não ama permanece na morte" (1Jo. 3,14). Esta fraternidade nova e radical da qual o Cristo é o iniciador supõe o dom de si mesmo pelos irmãos. O mesmo Apóstolo João diz, com efeito: "Eis como reconhecemos o amor: Ele entregou sua vida por nós. Assim, também devemos dar a vida por nossos irmãos" (1 Jo. 3,16). A Eucaristia celebrada como memorial da morte e da ressurreição do Senhor comporta uma exigência de despojamento de si até o dom total aos outros. Isto só se pode realizar através de uma solidariedade efetiva com "os mais pequenos dos irmãos" (Mt. 25,40), uma solidariedade na qual nós desa-

parecemos para que apareça "aquele que vem". Inscrever esta exigência na realidade concreta e atual da sociedade em que vivemos supõe uma transformação radical em nossas relações humanas (Vide: Jésus Livré: L'Eucharistie — Vie Consacrée — 53^e année, N.º 2 — Éd. Notre Dame-Belgique).

É muito importante que os formandos descubram que a Liturgia Eucarística não está fora da vida, mas está no coração de toda vida cristã, de toda a história da salvação. Precisamente, partindo dos grandes problemas do mundo atual, mostrando que a Liturgia não é estranha à realidade, mas no coração dos problemas que mais profundamente atingem o homem; que celebramos o Cristo Ressuscitado não só como uma profissão de fé, do coração e dos lábios, mas como um acontecimento atual. Vivendo a Eucaristia, vive-se o Cristo todo o resto do tempo. Ela não é uma ação extraordinária, fora do ordinário, que nos faria evadir para um mundo irreal. Trata-se de Cristo como um ACONTECIMENTO interessado em todos os problemas humanos. Neste mundo em profundas e rápidas transformações, desigualdades, opressões e injustiças, Cristo não está à distância para dar seus remédios, mas Ele é o sentido.

A Campanha da Fraternidade 1985 se associa à celebração do Congresso Eucarístico Nacional, que acontecerá em Aparecida do Norte, 16 a 21 de julho deste ano. Ambos têm o mesmo lema: PÃO PARA QUEM TEM FOME, para lembrar a todos os cristãos do Brasil, que a partilha do pão

material é uma exigência da Eucaristia.

A maioria dos candidatos que chegam às nossas Casas de Formação não vêm com grandes economias que possam ser partilhadas com os pobres. Nisto se assemelham à realidade dos Apóstolos, que pediram a Jesus, que despedisse a multidão para que fosse às aldeias e campos vizinhos procurar pousada e alimento. No entanto, Jesus lhes disse: "Dai-lhes vós mesmos de comer" (Lc. 9,12-13). Com um pouco de criatividade e mortificação, também nas Casas de Formação pode-se participar, pela oração e pelo jejum, na luta contra os demônios da injustiça e da fome, um pouco na linha do que sugere o Texto Base da Campanha da Fraternidade:

— Não podemos declarar a 6.^a-Feira como "dia da fome", a fim de que sejam libertadas as energias espirituais para superar as injustiças?

— Por que não organizarmos vigílias de adoração em reparação dos pecados da sociedade, a partir de casos concretos, ou, por exemplo, solidariedade com os operários em busca de salários justos?

— Abster-se de carne por uma semana não mata ninguém; e com esta economia pode-se propiciar este alimento a algumas famílias que não comem carne durante o ano todo, por falta de recursos mínimos.

Estas e outras criatividades, sem prejuízo para a saúde de ninguém, levam à busca de dar de comer a Jesus, que passa fome em nosso irmão (Mt. 25,35).

4 — CRIATIVIDADE NAS CELEBRAÇÕES LITÚRGICAS DA EUCARISTIA

“É portanto sumamente necessário que a celebração cotidiana da Eucaristia, que se completa com a comunhão sacramental, recebida com plena liberdade e dignamente, seja o centro de toda a vida do Seminário e que os alunos participem nela com devoção” (Instrução sobre a Formação Litúrgica nos Seminários — João Paulo II — Ed. Paulinas).

Para que a celebração eucarística se torne o centro da vida da Casa de Formação requer-se que ela seja bem preparada, o que requer certa criatividade por parte dos liturgistas ou das equipes litúrgicas. Se a Liturgia Eucarística não for criativa, não será capaz de trazer para o altar a vida da comunidade e a vida do povo que a cerca, nem ser fonte de vida para a espiritualidade dos formandos. Celebrações estáticas e ritualistas se tornarão monótonas e alienantes. O fato de a celebração eucarística ser criativa não quer dizer que não deva seguir certa ordenação, ater-se a certas normas ditadas pela Igreja, pois ela é um ato oficial da Igreja, como todas as celebrações litúrgicas, em geral.

Para que a participação Eucarística se torne marcante na espiritualidade dos que se preparam para a Vida Religiosa é necessário revitalizá-la, para que seja o ponto alto de encontro fraterno e de verdadeira partilha de vida, como amigos reunidos em torno de Cristo e por causa Dele; de alimento que fortalece a opção vocacional pelo Reino; e como paixão e

entrega de vida pelos irmãos; como celebração e proclamação do gesto pelo qual Cristo fez de seus discípulos membros de seu Corpo (cf. 1 Cor. 10,16-22).

A Eucaristia influenciou profundamente a todos os nossos Fundadores e Fundadoras de Congregação Religiosas. Para eles a Eucaristia foi o grande sinal de Deus que ama apaixonadamente os homens, e um resumo de tudo o que o Cristo pregou e viveu. Ela foi também o grande impulso para o zelo e a doação de suas vidas em favor das necessidades do povo de Deus. Por isso, cada celebração Eucarística deve servir de Escola de Amor, aonde os formandos vão como alunos para aprenderem a SER VIVA MEMÓRIA do SER e AGIR de Jesus.

É necessário que nas primeiras etapas de formação para a Vida Religiosa se questione freqüentemente a importância da Eucaristia. Com facilidade incrível cai-se na rotina e não se percebe aquilo que realmente se celebra: a doação total de Cristo. A fim de que a Eucaristia se torne fonte e cume de toda a vida cristã exige-se preparação e criatividade, tanto na dimensão pessoal, quanto na comunitária, que assim possibilite um verdadeiro clima Eucarístico a impregnar toda a vida da Casa de Formação.

— A SAUDAÇÃO inicial do celebrante nos lembre o convite para a Festa do Pai. Quando o grupo é um

pouco maior, talvez, com algumas comunidades vizinhas, é muito significativa a procissão de entrada, com um canto que expresse a alegria dos irmãos que se encontram para celebrar suas vidas com o Senhor.

O RITO PENITENCIAL é um "lava-pés", que quebra as antipatias, as pequenas inimizades e tudo o que separa e impede a união. Como a Missa é um ato eclesial, além dos pecados pessoais pode-se colocar o pecado em redor de nós, na Igreja e no Mundo.

— O GLÓRIA é um momento de louvor e agradecimento por tudo o que de maravilhoso acontece na comunidade e na Igreja. Vivendo na unidade, os membros da comunidade se inserem na vida e na unidade da Santíssima Trindade, cuja grandeza, amor e glória cantamos. Pode-se louvar a Deus, pela doação dos membros mais antigos da Congregação e daqueles que nos precederam no Carisma vivido pelos Fundadores.

— Nas ORAÇÕES e na PRECE DOS FIÉIS fazemos os nossos pedidos ao Pai. Toda a Humanidade participa desta Missa e todos unidos formamos também pelos que nos marcapelos que de maneira especial sejam beneficiados nesta Missa. Rezem também pelos que nos marcaram com a autenticidade de suas vidas. Por todos os que têm responsabilidade maior no governo da Congregação, da Igreja ou da Pátria.

— Nas LEITURAS escutamos o Pai que fala aos filhos. Uma encenação

inicial, uma partilha ou homilia podem enriquecer a Liturgia da Palavra e ajudar a entender a missão de Jesus, o valor de seu Sacrifício, a riqueza do amor contida na carta do Pai, para os filhos.

— No OFERTÓRIO, uma procissão com ofertas simbólicas ajudam a trazer a nossa vida e realidade para o Altar, quais pequenos pratos, que juntamos ao prato principal do Banquete Eucarístico: Jesus Cristo Resuscitado.

— Na CONSAGRAÇÃO, acompanhar o gesto do celebrante com as mãos levantadas pode ajudar-nos a nos conscientizar que, com o pão e o vinho, nos tornamos Corpo de Cristo para sermos Eucaristia para nossos irmãos e o mundo.

— No PAI-NOSSO, acentuar a dimensão comunitária. Esta oração foi precedida pela Pequena Elevação, que é um brinde que fizemos ao Pai e agora, o Pai-Nosso se torna a expressão da unidade da família, reconciliada, reunida em torno da Mesa Paterna.

— O GESTO DA PAZ é a comunicação da nossa união. Pode-se mandar a mensagem de paz para os que foram "anjos bons" em nossa vida. Também, para os que deixaram em nós marcas negativas, perdoando-lhes do fundo do coração, para merecer o perdão do Pai.

— A COMUNHÃO é a refeição propriamente dita, em que o próprio Cristo se dá em alimento, para que penetrados de seu amor, penetremos os outros e o mundo todo com este

amor. Na AÇÃO DE GRAÇAS seria bom dar um bom espaço ao silêncio: cantar seu próprio Magnificat na intimidade silenciosa do hóspede divino. Talvez um dos riscos da criatividade na liturgia seja o de tirar todos os espaços para o silêncio do outro e sua liberdade profunda. A história da espiritualidade vê no silêncio a sua grande lei. "Quando o Cordeiro abriu o sétimo selo fez-se silêncio no céu cerca de meia hora" (Ap. 8,1).

Ainda que muita coisa dependa do celebrante, os liturgistas, em diálogo com ele, têm um papel importante a exercer na revitalização das celebrações Eucarísticas nas Casas de Formação, e que podem se revestir de nova riqueza quando realizadas com a comunidade do povo de Deus nas paróquias.

EM SÍNTESE: A Eucaristia é o grande Mistério do Amor. Ninguém pode viver sem amor. Os candidatos para a Vida Religiosa amam, dando o melhor de si mesmos para Deus, para a Comunidade Formadora, para a Missão, ou não amam, reservando-se o melhor para a sua comodidade, para seu egoísmo e suas gratificações pessoais. Assim como fracassa o amor humano não alimentado, fracassa igualmente o amor na Vida Religiosa. A perseverança alegre, feliz e fecunda na sua vocação é garantida por uma espiritualidade que tem como fonte e cume a Vivência Eucarística, na qual, por Cristo, com Cristo e em Cristo, os formandos oferecem o dom de suas vidas pelos irmãos, ao Pai.

Irmão ARNO BONFLEUR FSC
Taguatinga — DF

HISTÓRIA E ESPIRITUALIDADE

1. O Cristianismo e o Sentido de História: Tempo e História

Tratar o tema da "Visão Cristã da História e sua incidência sobre a Espiritualidade" supõe remontar ao conceito bíblico de **Tempo e História** (1).

Não aparece na Bíblia a idéia de um Deus imutável, abstrato, uma essência eterna como em alguns filósofos gregos como Platão e Aristóteles. O Deus de Israel é o Deus de Abraão, Isaac e Jacó, o Deus de Moisés e dos Profetas, o Deus de Jesus Cristo e de Maria, **um Deus histórico**. É alguém sempre "presente", que intervém ativamente na História do Povo, que **faz história com ele**. É presença e companhia na sua construção e transformação. A revelação bíblica apresenta uma **estrutura histórica** e, por isso, pode responder a questões que o homem de todos os tempos se coloca sobre o seu futuro.

A concepção bíblica de **Tempo e História** é diferente da de outras religiões pagãs. Muitas delas apresentam a noção de "várias histórias" nas quais os deuses se misturam, na mesma origem do cosmos, e estão mais ou menos imperfeitamente subtraídos à categoria de tempo.

2. O conceito de Tempo no A.T.

Encontramos na Bíblia dois aspectos do tempo: o que regula o culto da natureza (tempo cósmico), e o que se desenvolve ao longo dos

O Tempo na Bíblia possui outra dimensão.

"No princípio Deus criou o céu e a terra"... (Gen. 1,1). Esse "no princípio" do Gênesis, é diferente do "começo", de outras religiões. Trata-se de um começo absoluto: a partir dele toda duração pertence à categoria das coisas criadas. O tempo bíblico afirma, de forma radical, a transcendência de Deus. Não existe um "tempo primordial" no qual se desenvolve uma história sagrada, e desenvolve uma história sagrada, e um "tempo profano" no qual se desenvolve uma história profana e que lhe é posterior. O **Desígnio de Deus se realiza no Tempo**: dele nasce a criação ordenada ao homem, e este, a um fim último, misterioso. Fala-se da criação das coisas dos homens e logo de uma **duração histórica**, marcada pelas **GERAÇÕES** (Cf. Gen. 1). O **Tempo**, obra de Deus, serve de moldura à ação criadora, à sua intervenção na **História**. Na Bíblia nem se diviniza o tempo como entre os gregos, nem se lhe nega toda significação, como no Islamismo. Por isso é importante penetrar no sentido de ambos na dimensão bíblica para descobrir-lhes o sentido cristão.

acontecimentos (tempo histórico). Deus os dirige e orienta a um mesmo fim.

2.1. O tempo cósmico

É cíclico. Está baseado no ritmo da natureza, da sucessão de noites e dias, das estações da visão da origem imposta pelo Criador à criação. As religiões antigas sacralizam os ciclos da natureza, estabelecendo o calendário das festas segundo as estações e os meses. O povo grego, por exemplo, tem essa visão circular, cósmica da história. Sua religião é a do VER, da contemplação da natureza, na qual a festa, a vida, tudo, enfim, está ligado às quatro estações.

Os profetas de Israel denunciam no meio do povo uma concepção de tempos sagrados na linha dos pagãos (Cf. Os 2,13). Entretanto, apesar de Israel eliminar do calendário as referências aos mitos e ao politeísmo, não despreza a sacralidade natural dos ciclos cósmicos. Celebra "festas" em diversos tempos do ano (Ázimos, Primícias, Colheitas, etc.), dando-lhes um novo conteúdo: o de FAZER MEMÓRIA DOS GRANDES FEITOS DE DEUS NA HISTÓRIA (Cf. Ex. 12,17.26s; Lev. 23,43, etc.).

2.2. O tempo histórico

O tempo judaico é sobretudo histórico, linear: caminha na história em busca de uma meta. Nele se dão

intervenções livres, pessoais, irrepetíveis, irreformáveis. A religião de Israel é histórica. Nela vai-se encontrando sempre o NOVO, a eterna novidade de Deus. Por isso o homem bíblico sente a necessidade de ESCUTAR, OUVIR o que Deus fala, de perceber, nos acontecimentos, seu Desígnio e ação salvíficos.

Trata-se de uma **concepção teleológica**: toda a Revelação caminha para uma **Meta**, um Ponto Omega. É importante o que Deus FEZ, FAZ e FARÁ, porque se vive de uma **PROMESSA**. A História dá a garantia da fidelidade do Deus de Israel. Ele cumpre sempre, é fiel. O povo experimenta profundamente essa fidelidade que é algo existencial, experiencial e não fruto de especulação filosófica sobre o Ato Puro ou a Essência Eterna: **uma percepção amorosa e contínua das ações de Deus na vida.**

A História do Povo de Deus não está atada à lei do "eterno retorno". É processual e se orienta pelo Desígnio de Deus que se manifesta e desenvolve nela. Por isso os acontecimentos têm um caráter único e irrepetível. Tornam-se MEMÓRIA, que é muito mais do que lembrança: é atualização, presença, impulso a continuar descobrindo sempre o Deus que se revela progressivamente.

3. A História na Bíblia

O sentido de História, unido ao do Tempo, na Bíblia, está intimamente

relacionado com o da Revelação e Salvação.

3.1. História e Revelação

A revelação de Deus é dinâmica, processual. O "kairós" constitui um tempo especial de intervenção de Deus na história. Javé se apresenta nela como Alguém que lhe é imanente e transcendente. Assim como nossas ações revelam quem somos, as ações de Deus — seu AGIR — revela o que Ele é — seu SER. E Ele se manifesta escolhendo, chamando, enviando, libertando, perdoadando, salvando, amando sempre. A revelação é mais do que uma sùmula de doutrina; encarna-se em acontecimentos concretos da vida do povo. É, fundamentalmente, **a Palavra e o Agir de Deus na História**. É processo, dinamismo, comunicação, serviço a um povo — Israel — mas não é seu patrimônio: está a serviço de todos os povos por meio dele. A História de Israel é uma contínua revelação da Presença e Ação de Deus no meio do seu Povo.

3.2. A História da Salvação

A Salvação é uma realidade total. É preciso olhá-la a partir do Deus que salva e a partir do homem que é salvo. O homem se realiza como pessoa humana salvando-se. Mas para isso precisa Daquela que é o único que pode salvar. É o Amor que

Ele nos tem que transforma as pessoas internamente. Se amamos é porque Ele nos amou primeiro. Deveríamos ser mais conscientes de que só amamos a Deus quando amamos os outros (Cf. 1 Jo. 4,10-11). Entretanto, muitas vezes, nos amamos no outro, "coisificamo-lo" e, no dia em que já não nos serve, jogamo-lo fora...

A História da Salvação pode ser considerada, num sentido amplo, como a história de todas as ações livres do homem que, de modo positivo ou negativo, acontecem para a salvação ou condenação do homem. Essas ações livres do homem são "graça" ou "pecado": tecem a **História da Salvação**.

Deus se nos revelou e revela plenamente em Jesus Cristo. Ele é alguém que vive num tempo histórico determinado (Cf. Mt. 2,1; Lc. 3,1; Lc. 2,40-52), e entrega a vida sob Pôncio Pilato (Cf. 1 Tim 6,13). É Ele que dá sentido pleno às nossas ações. Sua Páscoa constitui o gesto definitivamente salvífico de Deus que dá sentido a todos os nossos pequenos gestos de salvação. Ele é o AMÉM do Pai. Nele todas as promessas de Deus se tornam realidade, encontram Nele o seu SIM. Por Ele dizemos nosso "Sim", nosso "Amém" a Deus, à luz do Espírito (Cf. 2 Cor. 1,20-22).

4. Sentido Cristão da História

4.1. História e Escatologia

A pergunta sobre o sentido cristão da História nos propõe, muitas

vezes, um falso problema: o do conflito entre a Escatologia e a noção de Progresso. Nessa visão, o elemento histórico, imanente, é considera-

do como oposto ao transcendente; aquele tem um caráter relativo, este, absoluto. Esquece-se assim que "o central do mistério bíblico, e sobretudo do cristão, está justamente no encontro entre as duas dimensões". Em Jesus Cristo Deus se fez homem, "Deus se fez história"; por isso, "nosso acesso à transcendência dá-se por caminhos históricos e contingentes" (2).

Talvez o tema do progresso contínuo tenha surgido de uma "degradação racionalista da escatologia cristã". Mas, segundo P. Ricoeur (3), isto acontece quando só se conserva aquilo que pode ser considerado na história como "acumulação de algo adquirido", e se esquece a dimensão de drama, decisões, crises, decadências e fracassos próprios da História. Quando se considera esta dimensão, passa-se de "uma história abstrata, onde só são consideradas as obras dos homens e a acumulação de suas pegadas, a uma história concreta, onde existem acontecimentos". É nesse segundo nível de leitura da História que começa a articular-se uma visão cristã da História.

4.2. Níveis de leitura da História

Ricoeur fala de três níveis de leitura da história: o do progresso, abstrato, o da ambigüidade, existencial, e o do mistério, situado na dimensão da esperança.

Existe uma história das técnicas, dos meios, e outra mais profunda e concreta, a dos fins e dos meios, das intenções completas do homem,

de suas situações, desafios e respostas. A segunda está mais perto do Cristianismo do que a primeira. Mas é preciso dar um passo mais, e descobrir, na história, "o caráter irreduzível dos eventos e das personalidades históricas significativas em seu aspecto político, designando com a palavra, o conjunto das relações do homem com o poder. Aí se situa 'o aspecto dramático da história', com seus eventos, decisões, 'crises'... É aí que emerge uma Teologia da História. Sobretudo através da dimensão de crise, culpabilidade, pecado, projeto dos homens, crítica aos potentados, como se expressa tão bem nos Salmos, nos Profetas e no Magnificat de Maria".

Entretanto, o "sentido cristão da História" não se esgota com o sentido das crises e decisões, grandeza, culpa e pecado. **O Pecado não é o centro do Cristianismo, nem do Credo cristão.** Não se crê nele e sim na Salvação. **O Centro do Cristianismo é uma Pessoa que sintetiza a Salvação: JESUS CRISTO!** É a Fé no Senhorio de Deus que dá sentido à vida dos indivíduos e à história. O cristão só pode falar de uma história profana, ambígua, a partir de uma história santa, na qual percebemos uma história pessoal de graça e pecado: "O sentido cristão da história é então essa esperança de que a história profana também faça parte desse sentido que a história sagrada desenvolve, que não existe finalmente senão uma história, que por fim toda a história é sagrada" (4).

A Esperança nos faz perceber e procura um sentido — ainda que misterioso — para a História. Vai-se

penetrando nele gradualmente. Aí se nos apresenta a revelação do mistério de Deus no mistério da vida, da pluralidade das vocações históricas das pessoas, sociedades e civilizações. E a Esperança nos ensina a viver a Fé no meio das contradições e ambigüidades, das crises e desafios. Desinstala e nos coloca na dimensão da abertura, da coragem, da busca, da **Síntese**.

5. Espiritualidade e História

5.1. Como ler a História hoje?

Costuma-se falar hoje de dois tipos de leitura da História. A primeira, na linha da "continuidade" e até do continuismo, dentro de oscilações e mudanças acidentais. Para os que fazem esta leitura, a História continua a mesma; as mudanças são superficiais e as adaptações externas. Outros percebem no decorrer dela rupturas, novidades, que exigem "mudanças significativas" na maneira de ver, compreender e viver. A primeira leitura privilegia a instituição, uma fidelidade mais estática; a segunda, a mudança, o profetismo, uma fidelidade dinâmica. Ambas possuem riscos.

Dentro da ótica histórica aqui assumida, privilegia-se a segunda forma de leitura, por reconhecer-lhe a importância e atualidade, apesar de seus condicionamentos. Ela propicia uma leitura crítica do caminhar da Vida Religiosa, a busca de uma es-

Assim, a História se torna para nós um **lugar teológico** no qual e a partir do qual temos que aprender a descobrir os **Sinais de Deus**. No positivo das situações de graça e no negativo das situações de pecado; ambigüidade de quem sabe que leva em vaso de barro, o tesouro da fé e, justamente por isso, se sente impulsionado a prosseguir em direção à Meta, evitando dualismos, através da busca e vivência de uma **espiritualidade de síntese**.

piritualidade encarnada que, sem negar o aspecto da continuidade histórica, valorizando devidamente o "passado", se abre à "novidade" e às exigências de uma fidelidade dinâmica que olha mais o "presente" com perspectivas de "futuro" (5).

5.2. Espiritualidade e Seguimento de Jesus

O termo "espiritualidade" começa a ser usado na História desde o século XVII, para designar a "Sequela Christi", ou seja, o Seguimento de Jesus. **Toda espiritualidade cristã é Seguimento de Jesus.**

O encontro do Mestre com os primeiros discípulos, no evangelho de João (Cf 1,35-51), nos introduz nessa realidade e nos leva, ao mesmo tempo, a rever nossa experiência de Jesus.

Trata-se, antes de tudo, de um en-

contro com o Senhor Jesus, apontado por João Batista como o Cordeiro de Deus. Ao ouvi-lo, os dois discípulos **seguem** a Jesus. A partir daí começa para eles uma vida nova nascida desse "conhecer" a Jesus, do ter uma "experiência" Dele. A pessoa se conhece a partir da vida... "Foram, viram e ficaram com Ele"... E João jamais se esqueceu de que para ele, a "hora décima" foi a do "kairós", da manifestação, da experiência definitiva de Jesus como alguém que entrou em sua vida e a transformou.

Essa experiência espiritual é algo determinante na vida de todo seguidor de Jesus: **a de alguém que entra na vida da gente e a transforma.** E é o ponto de partida do discipulado. É preciso "ir, ver e ficar com Ele". Todos temos a experiência profundamente pessoal de uma "hora décima", definitiva em nossa vida, opções e seguimento... É a partir desse encontro que se estabelece o "seguimento em cadeia", como aconteceu com os apóstolos: aquele que "se deixou encontrar" pelo Senhor encontra outros e os convida a viver a mesma aventura. Mas **tudo é graça.** O encontro está profundamente marcado pela experiência da **gratuidade**, realidade tão esquecida no mundo de hoje, sem a qual é impossível viver a dimensão contemplativa. É porque Deus — em seu Filho — nos amou primeiro (Cf 1 Jo 4,19), que somos capazes de deixar-nos encontrar por Jesus, de entrar em relação com Ele (oração-contemplação) e de criar comunhão, convidando a outros a experimentar esse amor.

5. 3. Espiritualidade e Espiritualidades

Fala-se de "Espiritualidade" no sentido de "caminho espiritual" e de "Espiritualidades" no de "modos próprios e diversos de viver o Seguimento de Jesus," dentro de famílias religiosas, escolas de espiritualidade e estilos de vida, em contextos e realidades históricas diversos: "As modalidades do Seguimento (de Jesus) se devem à reordenação dos eixos da vida cristã, que se fez a partir da experiência espiritual que marca uma comunidade cristã ou família religiosa" (6). A variedade de escolas espirituais se deve ao fato de que o encontro com Jesus Cristo se dá em condições diversas. As **experiências** são únicas e diferenciadas porque Deus é único e irrepetível.

A vivência de uma espiritualidade traz exigências diversas e radicais, manifestadas através de um **estilo de vida.** Não pode ser reduzida, a "atos espirituais", práticas sacramentais, devoções, rezas e fórmulas piedosas. Compromete a totalidade da vida daquele que se deixou possuir pelo Senhor Jesus: sente-se comprometido definitivamente em seu "Seguimento", e disposto a "prosseguir-lo", continuando no hoje sua Missão de anunciar o Reino e denunciar tudo o que se oponha ao Desígnio de Amor do Pai.

Isso supõe abertura ao Espírito, "deixar-se conduzir por Ele", viver segundo Ele, como filhos de Deus (Cf. Rom 8,4;9; 14).

Gustavo Gutiérrez sublinha três características em todo estilo de vi-

da cristã, em toda "espiritualidade": o **Seguimento de Jesus** como aventura pessoal e coletiva, a **vida segundo o Espírito** e o **itinerário global e comunitário**. São dimensões da vida de quem caminha em busca de Deus. Esse caminho deve ser feito na medida em que se vai caminhando... É o terreno da ação do Espírito, e está marcado pela liberdade; a liberdade dos filhos de Deus que Inácio de Loyola chama "a interior lei da caridade e do amor que o Espírito Santo escreve e imprime nos corações" (7).

Por isso, a "vida segundo o Espírito" é algo eminentemente dinâmico e transformador. Realiza-se sempre a partir do interior das pessoas, da comunidade, de um Povo em marcha. Constitui uma dimensão básica de todas as grandes correntes de espiritualidade cristã, e traz consigo exigências de uma práxis coerente, que ajude à transformação da realidade.

5.4. **Espiritualidade e movimentos históricos**

A História da Espiritualidade, as grandes experiências espirituais, as famílias religiosas tiveram origem em épocas diversas, sempre em íntima conexão com determinados movimentos históricos (8). Os Fundadores de famílias religiosas que encarnam determinadas correntes de espiritualidade são, antes de tudo, homens e mulheres de Deus e de seu tempo. Abertos à "Realidade histórica" que questiona fortemente, discernem nela os "Sinais do Espíri-

to"; fazem uma "leitura-crítico-contemplativa da realidade". A "inspiração fundacional" nasce daí e vai procurar viver uma determinada "faceta evangélica", transformada em **resposta evangélica à realidade**. A "Congregação" ou "Ordem" — institucionalização da intuição inspiracional — permite a permanência e dinamização do Carisma e Espiritualidade.

A Vida Religiosa pode ser caracterizada, ao longo da História, como uma **reação evangélica às crises históricas da Igreja**. Surge, em geral, em momentos de crise, de acomodação, de certa inércia espiritual, como um novo apelo do Espírito.

Com a passagem da Igreja do martírio à da "tolerância" pela paz constantiniana, nasce o MONACATO como reação evangélica. Com ele surgem grandes correntes de espiritualidade monástica, baseadas no "Ora et labora", na luta pela conversão dos costumes, na busca do Absoluto de Deus. O mosteiro deve ser a escola do serviço do Senhor.

Nos séculos XI-XII, por ocasião das Cruzadas e invasões, nascem as ORDENS HOSPITALÁRIAS E MILITARES, com uma espiritualidade fortemente enraizada no "ser-para-os-outros", mediante a vivência da Caridade, a defesa da Terra Santa e o resgate dos cristãos. Todos querem socorrer as diversas necessidades da Cristandade. Essas "Ordens Canônicas" são um elo intermediário entre a vida monástica e a mendicante que preparam. É também nessa época que nasce a VIDA RELIGIO-

SA APOSTÓLICA FEMININA que a partir do século IV se tinha feito monástica e que, no século XVI, é de novo enclausurada.

Os **MENDICANTES** surgem como uma reação histórica contra o jugo do feudalismo. A Igreja institucional continua vivendo o modelo feudal; mas dentro dela dá-se uma "reação evangélica a partir do povo", vivida por homens e mulheres que procuram e desejam uma Igreja mais pobre, mais comunitária, menos clerical e monástica, mais a serviço da Palavra e da vivência do Evangelho. Seu caminho espiritual está muito vinculado aos "movimentos dos pobres" da época. Não é possível entender a Francisco de Assis e a Domingos de Gusmão, sua obra, seu testemunho evangélico e sua espiritualidade que perduram através dos séculos, fora do contexto histórico em que nascem e começam a estender-se. E é também à sua luz que se percebe tanto a acolhida quanto a resistência que encontram da parte dos grandes e pequenos de seu tempo.

No século XVI nascem as **ORDENS APOSTÓLICAS** como resposta também às necessidades históricas, às novas fronteiras da Igreja, às descobertas, à Ciência experimental e às necessidades da Contra-Reforma. É aí que se situam também a espiritualidade de Inácio de Loyola, de Teresa de Jesus e João da Cruz, e de tantos outros santos, que vêm fortalecer a afirmação já feita de que as formas concretas de Seguimento de Jesus estão relacionadas com os grandes movimentos históricos de cada época.

Nos séculos XVII e XVIII surgem um novo projeto de Vida Religiosa com as **SOCIEDADES CLERICAIS e LAICAIS** e as **CONGREGAÇÕES CLERICAIS**.

Poderíamos continuar pela história afora, percebendo, entretanto, pouca criatividade e bastante sentido restauracionista nas Congregações do século XIX, por medo ao Racionalismo, aos resíduos da Revolução Francesa, enfim, por medo à Nova Sociedade. Mas não se pode negar o profetismo de muitos Fundadores e a criatividade de Dom Bosco. Em geral, as novas fundações seguem as grandes correntes de espiritualidade dos séculos anteriores: mercedária, trinitária, franciscana, dominicana, inaciana, agostiniana, salesiana, etc.

No século XX estão surgindo **NOVAS FORMAS DE VIDA RELIGIOSA**; algumas bastante repetitivas do passado, outras mais criativas e com uma espiritualidade bem característica, como a dos Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus, que entusiasma exatamente por sua resposta evangélica e sua presença em setores abandonados, ou nos quais a Igreja esteve pouco ou quase nada presente.

Ao longo de toda a História, atentos ao "grito do Deus da Vida" numa realidade muitas vezes de morte, pecado e opressão, homens e mulheres — profetas da palavra e da ação — procuraram refazer o Caminho de Jesus de Nazaré, reproduzir sua vida, realizar seu Projeto, reviver seu processo, prosseguindo, na História, sua Missão libertadora.

É a partir daí que podemos olhar hoje a América Latina, **lugar de nosso Seguimento de Jesus**. A espiritualidade que se está originando em nosso Continente (ou Subcontinente...) tem renovado "sabor evangélico." Apesar de que nos falta ainda, perspectiva para perceber pro-

fundamente o fato, pela imediatez dos acontecimentos históricos que vamos vivendo e que não nos permitem objetivar suficientemente, sentimos e sabemos que ela responde às exigências de nossa História hoje (9).

6. História e Espiritualidade latino-americana

6.1. Um "novo" caminho espiritual.

Na nova corrente de espiritualidade que se está gestando na América Latina — profundamente bíblica e enraizada na Tradição Cristã — há algo de "novo" e profundamente evangélico, que lhe dá densidade e dinamismo: a "irrupção dos pobres", das classes populares como Sujeito Social emergente, que questiona a partir de sua pobreza crescente, de seu número e, sobretudo, de sua fé e potencial evangelizador (10).

Em seu livro "Teología desde el reverso de la Historia", publicado em 1977 e depois revisto e aumentado, G. Gutiérrez faz uma análise desse fato como o mais importante da vida da comunidade cristã no continente latino-americano. A **redescoberta dos pobres, a inserção dos cristãos nas lutas populares pela libertação de nossos povos**, foi e continua sendo a matriz do esforço de esclarecimento teológico que se denominou "Teologia da Libertação." Parte da análise histórica da Modernidade (Revolução Industrial burguesa e Ilustração), com suas caracte-

rísticas de individualismo e racionalismo, e da Crítica à Religião, especialmente do Cristianismo. Mostra depois, no século XX, a atitude de busca de "caminhos médios" e de fechamento da "Teologia do Regime Antigo" diante dos questionamentos burgueses do "Espírito Moderno". O Vaticano II procurou dar uma resposta aos grandes questionamentos do movimento pelas liberdades modernas, e da ilustração, tentando adaptar-se ao Mundo Moderno e inclusive recuperar o tempo perdido. Apesar de acolher algumas reivindicações da Modernidade, no relativo aos valores da subjetividade, liberdade e igualdade social, do sentido do progresso, etc., só toca nos **conflitos sociais** em termos gerais da miséria e angústia no mundo. Não faz uma crítica profunda do Capitalismo Monopolista, por exemplo. Sua preocupação é outra: **entrar em diálogo com Sociedade Moderna**.

É a nova "Teologia Política" de J.B. Metz que vai tentar dar uma resposta à problemática da Ilustração e à Crítica à Religião. A Teologia Política é uma Teologia do Mundo; quer assumir a mentalidade moder-

na e ser compreendida por ela, sublinhando o caráter público da mensagem cristã, recuperando assim sua mensagem sempre nova e sempre antiga: **falar de Deus de um modo inteligível ao homem de hoje.** J. Moltmann adere ao programa de Metz, chamando-a "Teologia Política da Esperança" porque aprofunda suas raízes na Teologia da Esperança Cristã. Hoje, estas correntes teológicas estão em diálogo com a "Teologia da Libertação."

Ainda que "nascida na segunda metade do século XX", sobretudo a partir de Medellín e das Cebes, é fruto da **reflexão cristã sobre quatro séculos e meio de história de marginalização e opressão dos pobres do Continente**, e que desemboca atualmente nos movimentos populares. Existe hoje uma "nova forma de ser cristão na América Latina", um novo modo de viver a Fé, o encontro com o Pai e os irmãos, de Seguir a Jesus, que dão origem a uma **nova experiência espiritual** no sentido paulino da "vida segundo o Espírito", ou seja, uma **NOVA ESPIRITUALIDADE**: e ela está sendo escrita e vivida "a partir do avesso e dos ausentes da História" (11).

O **método teológico e a perspectiva do pobre** constituem para nós as duas grandes intuições da nova maneira de fazer Teologia na América Latina e no Terceiro Mundo, que vai ajudar a uma **releitura da História da Espiritualidade a partir do lugar social do empobrecido** (12).

Mas... será realmente "nova" essa espiritualidade? Ou é nova a "forma" de vivê-la?

6.2. A Releitura da História a partir dos pobres

Dizíamos ao começar este artigo, que **Deus se revela na História.** Para nós ela constitui um **lugar teológico** de encontro com Deus e os irmãos à luz da Fé. A fé bíblica se baseia no conhecimento da história do Povo e na confiança na presença reveladora de Deus nela, porque Javé é um Deus vivo (Cf p. ex. 1 Re 17,1) que **faz história com o povo.**

A história, da qual arranca a fé bíblica, está aberta ao futuro. Não é só recordação do passado e sim atualização, releitura contínua de fatos fundamentais da vida de Israel, como por exemplo a libertação do Egito (Cf. Ex. e Sal. 105 e 106).

Deus liberta para fazer justiça aos desvalidos. Por isso o pobre, o pequeno, o marginalizado, constitui um lugar de encontro e de relação com Deus. Conhecer a Deus é fazer justiça aos pequenos; pecar é não conhecer a Javé, não amar, criar relações de injustiça (Cf. Jer. 2,13-16; Deut 24,17-28; Os 4,1).

Israel vive o Exílio, o cativeiro de Babilônia, e lá, uma "crise de fé". A partir dela compreende que Javé é um Deus universal e não propriedade exclusiva sua. Ele faz Aliança e a renova (Cf Ez 36,24-28). A Fé bíblica é "histórica". A "memória" é parte fundamental dela: evoca os fatos do **passado** para celebrar a ação de Javé no **presente**, com o olhar posto no **futuro.**

Jesus Cristo é a revelação plena do Pai na História. Nosso Deus é o

Pai de Jesus Cristo e nos abençoa e chama Nele a ser filhos e irmãos (Cf Gal 1,3 e Ef 1,3-14).

Jesus se situa no lugar social do pobre: faz-se pobre, vive com os pobres, se dirige a eles e, a partir deles, anuncia o Reino da Justiça e do Amor a todos (Cf Lc 4,16-21). Por isso o Documento de Puebla vai recordar que os pobres são os primeiros destinatários e também emissários da Boa Nova, porque possuem um potencial evangelizador (P. 1142 e 1147).

Se a História do continente latino-americano foi escrita "com mão branca", ou seja, a partir das classes dominantes, hoje se está escrevendo uma nova história: a partir da presença de Jesus Cristo nos famintos, sedentos, encarcerados, esque-

cidos (Cf. Mt 25,31-46). "Reler a História significa refazer a história: fazê-la a partir de baixo. Ela se torna assim uma história subversiva. É preciso invertê-la, não de cima (para baixo) e sim a partir de baixo... **Esta história subversiva é o lugar de uma nova experiência de fé. E de um novo anúncio do Evangelho**" (13).

História e Espiritualidade estão intimamente unidas na vida do Continente. Apesar da dificuldade, da luta, da marginalização e opressão, estamos aprendendo a descobrir um "novo rosto de Deus" no rosto dos empobrecidos que a História "oficial" esqueceu: as feições do Cristo Sofredor (P. 31-39) na dos Crucificados da História. **É aí que se coloca para nós o Desafio de uma Espiritualidade Contemplativa da História e na História, hoje.**

7. Contemplativos na História

7.1. A mudança de perspectiva na V.R.

A participação da Igreja latino-americana na caminhada histórica de nosso povo torna-se bem mais efetiva a partir de Medellín, sobretudo nosso povo torna-se bem mais

Pode-se dizer o mesmo da caminhada da Vida Religiosa. Estamos tomando mais consciência de nossa responsabilidade de participar como pessoas, comunidades e instituições no processo de libertação do Continente, e de fazê-lo a partir de **uma Fé mais comprometida.**

A experiência do encontro com o **Senhor nos empobrecidos** nos está ajudando a converter-nos a uma vida mais "segundo o Espírito", que leva a um compromisso histórico concreto: o de unir o "Serviço da Fé" e a "Promoção da Justiça", contribuindo assim à transformação das pessoas e estruturas.

Se à luz da História da Salvação estamos aprendendo a contemplar as "mirabilia Dei" e as suas "magnalia" no hoje de nossa história (Cf. Sal 105 e 106), a **inserção** — em seus diversos graus — nos está ensinando a **contemplar e rezar a par-**

tir do povo e dos pobres: não só por eles e com eles, senão também, muitas vezes, como eles, de uma maneira encarnada, profundamente comunitária. Abre-se-nos assim um novo horizonte que ilumina as diversas correntes de espiritualidade vividas pelas famílias religiosas do Continente, dentro da grande "espiritualidade eclesial".

7.2. Dicotomia e busca de síntese (15)

Se nos voltamos para a Tradição da Igreja vamos encontrar, como vimos, na espiritualidade monástica, a necessidade de alternar oração e trabalho: "ora et labora". É preciso rezar para santificar o trabalho, considerado em si mesmo profano. Segue-se o "labora et ora", sobretudo nos últimos tempos. A relativa autonomia das realidades terrestres preconizada pela "Gaudium et Spes", a Teologia do Progresso Humano, a Teologia Política e a da Esperança, ajudaram a descobrir e aprofundar — no processo de Secularização — um certo "caráter crístico da criação" e a "sacralidade do trabalho" que levam ao encontro com Deus e os irmãos.

Em ambos lemas ("ora et labora" e "labora et ora") existe o risco da dicotomia e do monofisitismo espiritual. Trabalho e oração podem ficar desvinculados. No caminho feito em nossa espiritualidade latino-americana se está gestando uma "síntese". Trata-se de buscar uma oração na ação, dentro da ação e com a ação: unir oração-compromisso, en-

contro com o Senhor nos Irmãos. A busca da síntese nasce de duas perguntas que poderiam ser formuladas assim: — O que significa e exige o compromisso com os oprimidos a partir da Fonte de Vida e Libertação que é o Deus da História? — Como conseguir a síntese existencial entre o "ora et labora" (oração como encontro privilegiado com o Senhor) e o "labora et ora" (valor religioso do trabalho, do compromisso com a justiça e fraternidade), por meio de um compromisso que nasce da oração e de uma oração que nasce do compromisso?

O "desafio" está na BUSCA DA SÍNTESE: um novo estilo de oração materializado na oração; oração que brota da vida e que, ao mesmo tempo, se nutre no silêncio, na escuta, no despojamento interior, desembocando numa só realidade: a da Fé-Vida.

7.3. A unidade Fé-Vida

Para quem tem fé, a realidade não é ou sagrado ou profana, e sim **sacramental**: sinal sensível, revelação e evocação de Deus. Isto fica bem claro sobretudo na "Lumen Gentium" e outros documentos conciliares.

Uma das exigências derivadas dessa nova visão é a **atitude contemplativa**: procurar ver as pegadas de Deus no mundo e na História. Trata-se, portanto, de buscar um novo tipo de espiritualidade: aquela que tem consciência de que o encontro com o Senhor se dá através de "Media-

ções", de seus "sacramentos de encontro": Jesus Cristo, a Palavra de Deus, a Igreja, os 7 Sacramentos, as pessoas, sobretudo os pequenos, as coisas e os acontecimentos. A exigência é a de unir oração e prática: ser **CONTEMPLATIVOS NA AÇÃO**.

Não pode nem deve haver polarização ou justaposição entre oração e prática, fé e vida. Tem que existir uma abertura e implicação recíproca dos dois pólos, privilegiando a **oração**. Como expressão do mais profundo de nossa existência, tem que levar-nos a gritar, sob o impulso do Espírito, "Abba, Pai". E também a descobrir que esse Deus Santo, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo, é um Deus histórico, presente, comprometido. O encontro com Ele traz, como exigência, o criar espaços de liberdade. Não basta contemplar as maravilhas da criação (Sal 105); é preciso recordar e reviver hoje seus **gestos salvíficos** através da História (Sal 106). **FAZER HISTÓRIA COM ELE**, chegar a gestos históricos de compromisso. A paixão por Deus, em Jesus Cristo, tem que manifestar-se na paixão pelos irmãos, sobretudo os sofredores, porque Jesus se identifica com eles. O serviço ao irmão é oração (Cf Jo 13), e nasce sempre de um encontro forte e pessoal com o Senhor. Os grandes profetas e mártires do Continente são, em muitíssimos casos, grandes contemplativos e místicos. Além disso estamos descobrindo **um novo tipo de santidade**, fruto de **uma nova espiritualidade**. Antes, "fugia-se do mundo" para buscá-la. Hoje, descobrimos que é preciso abraçá-lo, amá-lo, apesar de suas ambigüidades, comprometer-se

em sua transformação, com a libertação dos irmãos, mesmo com o risco de vida. E são milhares e milhares os "santos" que o viveram e vivem na América Latina... Os que entregaram a vida por nossos povos. Maura, Ita, Jean, Carla, Dorotea, Monsenhor Romero... são apenas seis nomes. Mas a lista é imensa e, mais uma vez, o sangue de nossos mártires é semente de cristãos e de compromisso...

A unidade **FÉ-VIDA** nos ajuda, portanto, a viver a "Contemplação na Ação", a ser "Contemplativos na Libertação" no hoje da A. Latina.

"A ação de serviço ao irmão e de solidariedade com suas lutas de libertação aflora do próprio seio da criação que atinge o coração de Deus... O pólo da prática libertadora remete ao pólo da oração, como a fonte que alimenta e sustenta a força na luta e garante a identidade cristã no processo de libertação", escreve L. Boff (16).

É isso o que significa e exige ser **CONTEMPLATIVOS NA HISTÓRIA NO HOJE DA AMÉRICA LATINA**:

- Aprender a contemplar, no desenrolar de nossa história, a **revelação e o apelo de Deus**;
- Viver nela o **nosso Seguimento de Jesus**, seu Projeto, sua Missão;
- Rer nossos **Carismas fundacionais** à luz da realidade histórica e suas interpelações;

- Abrir-nos à grande corrente de **espiritualidade evangélica** que aqui se nos oferece a partir do lugar social de Jesus e de sua opção pelos pequenos e empobrecidos;
- Assumir o desafio e exigências de uma Vida Religiosa como **RESPOSTA EVANGÉLICA COMPROMETIDA COM NOSSO TEMPO E HISTÓRIA**, para ajudar a

transformar tantos sinais de morte numa única **HISTÓRIA DE SALVAÇÃO**.

O Senhor nos interpela através da História e dos irmãos...

A resposta é nossa...

Vilma Moreira, F.I.

Mogi Guaçu, 27/3/85

Índice de citações

- (1) Algumas noções contidas nos números 1 e 2 foram tomadas do artigo **Tempo** no **Vocabulário de Teologia Bíblica**, Petrópolis, Vozes.
- (2) Cfr. J. O. BEOZZO, **Valor e limite da explicação histórica**, em **Vida Pastoral** 121, março-abril/85, p. 15. O artigo responde à Visão de História da "Instrução pastoral sobre alguns aspectos da Teologia da Libertação".
- (3) Cf. P. RICOEUR, **O Cristianismo e o Sentido da História**, em **História e Verdade**. Rio, Forense, 1969, p. 82-93. Sublinhado nosso.
- (4) Cf. **o mesmo**, p. 95. Sublinhado nosso.
- (5) Cf. J. B. LIBANIO, **As grandes rupturas sócio-culturais e eclesiais**, Petrópolis, Vozes/CRB, 2.^a ed., 1981, p. 11-14.
- (6) G. GUTIÉRREZ. **Qué es espiritualidad?**, en **Diakonia** 33, Manáguas, marzo 1985, p. 3.
- (7) Cf. **o mesmo**, p. 9-10.
- (8) Cf. sobre a **dimensão histórica da V.R.:**
E. CARDENAS, **Vida Religiosa y situaciones históricas**, Clar 15, Bogotá, 1974.
- G. GUTIÉRREZ, **Beber en su propio pozo**, 2.^a ed., cap. II. Lima, CEP, 1983.
C. MARECHAL, **Fiéis ao Evangelho**, SP, Paulinas, 1982.
- (9) Cf. G. GUTIÉRREZ, **obra citada**, p. 48.
- (10) Nota: O livro de Gustavo Gutiérrez, já citado, constitui uma colaboração magnífica ao aprofundamento do tema. Sobre tudo a segunda edição já revista e aumentada. Também o livro editado por E. Bonnin: **Espiri-**

tualidad y liberación en América Latina, Costa Rica, DEI, 1982.

(11) **Cf. Teologia politica: questioni scelte e prospettive, em Ancora sulla Teologia Politica: il dibattito continua, Brescia, Queriniana, 1975, cit. por G. GUTIÉRREZ em La fuerza histórica de los pobres, Lima CEP, 1980, 2.ª ed., p. 331; cf. também pp. 323-350.**

(12) **Nota: Não é este o lugar de um debate teológico sobre o tema. Queremos apenas sublinhar o fato de que existe uma conexão histórica entre os movimentos de espiritualidade e os diversos enfoques teológicos que se vão dando através da História.**

(13) **Cf. G. GUTIÉRREZ, la fuerza histórica... p. 36. Sublinhado nosso.**

(14) **Cf. G. GUTIÉRREZ, o mesmo, p. 11-38.**

(15) **Cf. L. BOFF, Mística e Política: Contemplativo na libertação em O caminhar da Igreja com os oprimidos, Rio, Codecri, 1980, p. 207-217. Cf. tb. todo o livro do CEP de Lima, Espiritualidad de la liberación, Colección Páginas 4, Lima, 1980, e o livro editado por Bonnin, Espiritualidad y liberación en América Latina, C. Rica, DEI, 1982.**

(16) **Cf. L. BOFF, obra citada, p. 213.**

A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Ignácio Ellacuría

I. O ESPIRITUAL E O MATERIAL :

DUAS DIMENSÕES DO HOMEM

Uma correta pastoral da espiritualidade deve partir do suposto de que o espiritual não é senão uma dimensão do homem individual e socialmente considerado, assim como do cristão pessoal e institucionalmente entendido. Esta dimensão não possui autonomia absoluta, como pretendem os espiritualistas, de modo que possa e deva ser cultivada com absoluta independência e separação de outras dimensões do homem; mas tão pouco deve ser reduzida a uma espécie de reflexo quase mecânico de determinadas condições materiais, como pretendem os materialistas. Tem sua autonomia porém, autonomia apenas relativa, que necessita ser apoiada por condições "não espirituais", nas quais deve encarnar-se e expressar-se necessariamente as quais, por sua vez, deve iluminar e transformar. Ou em outros termos: uma correta pastoral da espiritualidade deve evitar tanto perspectivas dualistas como monistas e deve inserir-se em perspectivas estruturais, mais ou menos dialéticas, segundo os casos, de modo que uma dimensão não seja o que é, senão sendo co-determinante da outra e co-determinada por ela. Cada dimensão será sempre dimensão de todas as demais e orientada para constituir um

todo, do qual recebe sua plena realidade e seu sentido.

Assim, o material e o espiritual, o individual e o social, o pessoal e o estrutural, o transcendente e o iminente, o cristão e o humano, o sobrenatural e o natural, a conversão e a transformação, a contemplação e a ação, o trabalho e a ação, a fé e justiça, etc... não se identificam entre si de tal modo que, cultivando um dos extremos, se cultive ipso facto o outro o qual não seria senão um reflexo ou acréscimo accidental; mas também não se separam de tal forma que possam ser cultivados sem intrínseca, essencial e eficaz determinação mútua. Em abstrato pode-se fazer qualquer separação, mas na realidade histórica concreta, tal como tem sido feita por Deus, essas dimensões se associam em unidade e mútua dependência.

Esta unidade diferenciada não é fácil de manter nem na relativa e necessária autonomia das distintas dimensões, nem em sua proporcionada e adequada conexão, porque não é qualquer espiritualidade que pode corresponder a determinadas condições, nem qualquer condição histórica é unificável a determinadas formas de espiritualidade. Por conse-

guinte, requer-se um permanente, atento e comprometido discernimento dos cambiantes sinais dos tem-

pos e das determinadas práticas históricas, que sejam realmente uma resposta adequada.

II. PARA UMA RETA COMPREENSÃO DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

Homens espirituais, do ponto de vista cristão, são aqueles que estão cheios do Espírito de Cristo e o estão de maneira viva e constatável,

visto que a força e vida deste Espírito invade toda sua pessoa e toda sua ação.

1. O ESPÍRITO DA BÍBLIA

a) NO AT, o Pneuma de Deus era força criadora e salvadora que atuava tanto no ordenamento do universo natural como na marcha da história, apoderando-se de modo especial de alguns homens singulares. O Espírito de Deus fazia-se historicamente presente e era mais evidente esta presença do Espírito, esta sua eficácia viva, esta espiritualidade, do que a existência mesma do Espírito Santo, como pessoa da Santíssima Trindade. A promessa do Espírito era a promessa de corações novos, de um povo novo, de uma terra nova, de modo que se chegará a saber do Espírito porque a terra se tornará plena desta espiritualidade histórica, palpável, transformadora, que já não se poderá atribuir ao homem pecador mas a Deus salvador.

b) No NT sabemos mais do Espírito porque sua presença se fez mais intensa sobretudo em Jesus, mas também na comunidade primitiva que

se constitui e se distingue como comunidade nova, precisamente pela riqueza e plenitude do Espírito comunicado e recebido. Podemos inclusive afirmar a pertença do Espírito Santo ao mistério trinitário, não tanto pela revelação direta da Trindade, mas pela ressurreição de Jesus e pela doação que Ele nos fez de seu Espírito. Acontecem, na nova comunidade, fatos reais e palpáveis que obrigam a mudar até o preconceito unitarista na concepção de Deus; descobre-se a realidade complexa da vida divina e de sua estrutura pessoal pela nova espiritualidade que invadiu Jesus e se manifestou nele e que por sua mediação, e através dele, começa a animar seus seguidores.

c) Isto nos indica que a espiritualidade cristã não pode entender-se, primariamente, como um conjunto de práticas espirituais (oração, exercícios ascéticos, regras e normas de comportamento, etc.), senão como

algo de tão novo e tão inesperado, tão vigoroso e transformador que leve à afirmação de que Deus está se fazendo presente de uma maneira singular entre os homens. É certo que esta espiritualidade não se explica sem a presença operativa do Espírito, que não é um espírito abstrato mas o Espírito de Cristo que nos leva ao Espírito de Deus. Mas este Espírito não é percebido e nem criado realmente, senão a partir de uma espiritualidade viva, desde aquilo que é sua presença operativa no coração do homem, na comunidade cristã, e também na institucionalidade da Igreja e na marcha da história. São as palavras e os fatos novos, os comportamentos anormais e inesperados, o que provoca o questionamento sobre quem os suscita e como os inspira.

Não são, entretanto, dois Espíritos distintos, o Espírito Santo e o Espírito de Cristo, embora sua apresentação no NT tenha características distintas e permita, e até exija, fazer distinções e diferenças importantes. Para a finalidade pastoral, o que interessa é sublinhar que o Espírito de Cristo, que é inicialmente

o Espírito de Jesus histórico, é aquele que nos leva ao conhecimento e possessão do Espírito Santo em seu momento intratrinitário. Assim o Espírito Santo como Espírito de Cristo, é aquele que nos abre o caminho criador da história ao nos ensinar com sua presença viva, o que não está prefixado nem pela letra nem pela lei e que, entretanto, não está acabado na missão redentora e salvadora de Jesus; é Ele quem faz novas todas as coisas, Ele quem vai formando novos céus e nova terra, Ele quem organiza o caos da história, como o Espírito de Deus pôs ordem no caos da natureza inicial. Vivificados por este Espírito de Cristo, que Jesus nos mereceu e enviou, é como se fôssemos introduzidos na própria vida trinitária; experimentamos e cremos que o Espírito Santo de Deus é o Espírito do Filho, o Espírito de filiação: "Se o Espírito veio do Pai pelo Filho, com Ele podemos ir ao Pai pelo Filho... Se, na descida, o Pai nos amava no Filho amado, agora, na subida, nós o amamos com o Filho de seu amor... O Espírito atualiza em nós o amor, que desde sempre, o Pai nos tem em seu Filho" (M. Legido).

2. PRESENÇA HISTÓRICA DO ESPÍRITO

A espiritualidade cristã não é senão a presença real, consciente e refletidamente assumida, do Espírito Santo, do Espírito de Cristo, na vida real das pessoas, das comunidades e das instituições que querem ser cristãs. São, pois, espirituais, não os que realizam muitas "práti-

cas" espirituais, mas os que, cheios de Espírito, manifestam ímpeto criador e renovador, superação do pecado e da morte, força de ressurreição e de mais vida; os que alcançam a plenitude e a liberdade dos filhos de Deus, os que inspiram e iluminam os demais e os fazem viver mais plena e

livremente. Tudo isto, porém, de acordo com o Espírito de Jesus, porque a espiritualidade cristã é, essencialmente, a espiritualidade de Jesus crucificado por nossos pecados e ressuscitado pela nossa salvação. Esse Jesus que nasceu de Maria por obra do Espírito Santo, e cuja perpetuação se fará também por obra do Espírito Santo naqueles que hoje são os continuadores da obra de Maria, a mulher pobre de Nazaré, a mulher do povo, cuja espiritualidade se retrata no Magnificat. O Espírito de Cristo está demarcado pelo que foi a vida histórica de Jesus, embora nela não se esgote, e por isso não se pode abandonar o valor normativo da vida histórica de Jesus em nome de um Espírito desencarnado o desistorizado. A espiritualidade cristã é necessariamente uma espiritualidade do seguimento de Jesus.

Isto não impede que possam surgir diversas "espiritualidades" dentro da única espiritualidade cristã, isto é, maneiras orgânicas e totalizantes de viver o Espírito de Cristo. Várias são as causas que permitem e exigem este pluralismo de espiritualidades. Primeiramente, porque não há uma só forma histórica de expressar e tornar presente a riqueza da vida de Deus em Jesus, nem o ímpeto renovador e criador do Espírito de Cristo. Não existe homem, nem comunidade, nem instituição que possa pretender esgotar, numa forma histórica determinada, tudo o que é dom do Espírito que nos foi oferecido em Jesus. Em segundo lugar, pela intrínseca historicidade da espiritualidade cristã, que necessita

acomodar-se, com profundas mudanças, às mudanças profundas da história; é evidente que o enriquecimento histórico da espiritualidade cristã, em razão das mudanças históricas, das novas exigências dos tempos e da conseqüente aparição de homens cheios do Espírito que conseguirão nova leitura e apropriação da pessoa e da mensagem de Jesus. Em terceiro lugar, pelo caráter eclesial da espiritualidade cristã que faz com que a Igreja, como povo e como corpo, tenha pluralidade de funções e de comportamentos.

Está claro que não é qualquer espiritualidade que vamos considerar cristã, por mais que nela se aclame e se proclame o nome de Jesus. Há critérios para a espiritualidade cristã. Alguns são puramente formais, porém, significativos: assim aquelas espiritualidades que, sendo parciais, querem apresentar-se como totais e excludentes, na teoria e na prática, de outros elementos essenciais, ficam desqualificadas; é certo que no corpo de Cristo deve haver olhos e pés, mãos e cabeça, e que o olho não pode dizer ao pé que não necessita dele; porém, olhos que impedem de caminhar, autoridades que impedem de ensinar, pastores que confundem administração com dar a vida pelas ovelhas, espirituais que fazem facilmente os ricos passar pelo buraco da agulha, profetas que rechaçam toda institucionalização e hierarquia, etc., não cabem dentro da ampla margem da espiritualidade cristã. Outros critérios possuem

maior conteúdo e estão em relação com o critério fundamental do seguimento de Jesus histórico tal como

se nos apresenta no NT e tal qual foi vivido pelos grandes seguidores de Jesus na tradição cristã.

3. A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ COMO DOM DE DEUS AOS POBRES

A espiritualidade cristã, assim entendida, é fundamentalmente um dom de Deus Pai, que continua o dom fundamental de si mesmo, que foi seu Filho encarnado. Porém, o próprio dom do Pai nos diz onde e como se recebe preferencialmente este dom. Recebe-se no mundo dos pobres numa práxis que responda eficazmente à grande tarefa de tirar o pecado do mundo, a morte do mundo, para que o mundo e o homem tenham mais vida. Que os pobres sejam o lugar privilegiado de revelação e comunhão viva do Deus cristão é algo sobre o qual pairam poucas dúvidas; o exemplo do próprio Filho, que sendo rico se fez pobre e o empenho de todos os grandes reformadores da Igreja em retomar a pobreza como elemento desencadeante da reforma, devem servir de prova. Que, de outro lado, se requeira uma práxis libertadora do pecado do mundo, pecado que é o grande obstáculo para que irrompa historicamente a vida de Deus entre os homens, o Reino de Deus, é também algo de essencial à fé cristã e a condição indispensável de espiritualidade, pois uma espiritualidade que não nasça da e não tenda para uma práxis libertadora do pecado e de suas con-

sequências não seria resposta à vida de Jesus. Esta é a grande prática espiritual, isto é, a vida inteiramente dedicada aos pobres, para que o pecado, negação do Espírito da vida, desapareça do mundo, para que irrompa na história o Reino de Deus, que é um Deus de vida.

Isto não impede que sejam necessárias práticas espirituais fundamentais, como a oração em todas as suas formas, e as celebrações sacramentais. Já dissemos que o espiritual não é mero reflexo necessário e mecânico de uma prática determinada. Nem tudo é pura exterioridade; há uma interioridade no homem e no cristão que devem ser cultivadas de modo muito especial. Não existe comunicação plena sem solidão e retiro. Por isso não podem ser desdenhadas, sem mais, outras práticas ascéticas, nem o uso de métodos que facilitem aquele momento de retiro e de auto-reflexão, essenciais à busca e à posse do Espírito. Especial cuidado exige a procura de formas e práticas simbólicas adequadas que respondam ao estágio cultural das grandes massas populares necessitadas de auto-expressar-se, purificar-se e desenvolver seu grande potencial espiritual.

III. CARACTERÍSTICAS ESPECÍFICAS DA ESPIRITUALIDADE CRISTÃ

O problema dos conteúdos específicos da espiritualidade cristã não é fácil de elucidar. Pode-se, entretanto, constatar alguns caracteres que não podem faltar.

Como pressuposto fundamental dessa espiritualidade deve-se assinalar o que Jon Sobrino tipificou como honradez e fidelidade ao real. Aprisionar a verdade na injustiça (Rom 1,8) dificulta a revelação e a comunicação com Deus, e constitui fonte de condenação. É a injustiça que aprisiona a verdade de Deus tal como nos é dada na realidade do mundo e na realidade da história, e é, por sua vez, uma grande injustiça aprisionar esta verdade de Deus, impedir que nos fale e interpele. Partindo deste pressuposto podemos apresentar três linhas fundamentais sobre as quais deve caminhar a espiritualidade cristã.

1. A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ DEVE CENTRAR-SE CRISTOLOGICAMENTE EM TORNO DA MISSÃO, QUE É O ANÚNCIO E A REALIZAÇÃO DO REINO DE DEUS NA HISTÓRIA.

Com este princípio sublinha-se o caráter "missional" da espiritualidade cristã: é algo que se recebe e se cultiva para ser transmitido; é algo que se atualiza na práxis apostólica do anúncio e da realização do Reino de Deus. Não se pode separar o momento espiritual do momento missional; não se pode separar o momento

da contemplação do momento da ação, como se os primeiros fossem os verdadeiramente espirituais e os segundos mero resultado daqueles; como se os primeiros fossem o lugar de encontro com Deus e os segundos o lugar do encontro com os homens. Com isto não se nega que metodologicamente possam ser separados o momento de recolhimento e discernimento, do momento de realização, o momento de solidão interior e o momento de comunicação. Porém, com isso não se privilegia o momento de separação do momento do compromisso. A própria contemplação deve ser ativa, isto é, orientada para a conversão e a transformação; e a ação deve ser contemplativa, isto é, iluminada, discernida, reflexiva. As duas grandes fontes desta espiritualidade encarnada, cada uma com suas respectivas ajudas, são a Palavra de Deus na Escritura e na Tradição e a Palavra de Deus na realidade viva da história e na vida dos homens cheios do Espírito.

Tudo isso vai orientado para que o Reino de Deus se instale na história. O Deus anunciado por Jesus deve historicizar-se entre os homens, tornar-se presente e dominante no mundo dos homens, para que acabe sendo tudo em tudo e em todos, sem anular a peculiaridade das diversas estruturas e a identidade das pessoas. Não basta, pois, que a espiritualidade seja missional, é preciso também que esta missão seja orientada para a implantação do Reino de Deus.

A partir do Reino de Deus é que se deve entender o caráter eclesial da espiritualidade cristã, entendida primariamente a Igreja como Povo de Deus, congregado no seguimento de Jesus. Uma Igreja que se configura conforme às exigências do Reino de Deus anunciado por Jesus, Reino do qual não pode tomar o lugar, com o qual não se identifica e ao qual deve subordinar-se. Esta espiritualidade fala também do caráter comunitário e exterior, não simplesmente individualista e interior da espiritualidade cristã; as grandes celebrações e ações eclesiais não são individualistas, mas buscam a plenitude pessoal no encontro comunitário, não puramente institucional. A Igreja como instituição não deve afastar esta espiritualidade do Reino animada e propiciada pelo Espírito de Cristo, cuja ação eficaz não passa necessariamente por canais institucionais; pelo contrário, a Igreja institucional deve deixar-se impregnar pelo Espírito para não se deixar levar pelas pressões sociais de sua própria institucionalidade e às pressões mundanas das outras instituições entre as quais se move. Querer substituir a espiritualidade do Reino de Deus pela espiritualidade da Igreja institucional é uma traição ao Reino de Deus e à Igreja. Querer, por outro lado, compor uma espiritualidade do Reino à margem da Igreja institucional, é incorrer em perigo manifesto para o próprio Reino de Deus. É preciso manter a unidade estrutural, que pode tomar características dialéticas, embora a prioridade esteja do lado do Reino e não da Igreja institucional.

2. A ESPIRITUALIDADE CRISTÃ DEVE ESTAR ORIENTADA SEGUNDO O ESPÍRITO DO SERMÃO DA MONTANHA E ESPECIALMENTE PELO ESPÍRITO DAS BEM-AVENTURANÇAS.

Certamente o Sermão da Montanha e as Bem-aventuranças não expressam toda a riqueza da mensagem de Jesus, porém dão orientações que não podem ser ignoradas sob pena de se perder algo de essencial à espiritualidade cristã. E essa ignorância sucede com muita frequência, porque esses textos não foram escritos nem para os poderes institucionais nem para civilizações da riqueza; e hoje os cristãos, predominantes na marcha do mundo e da Igreja, têm muito que ver com os poderes institucionais e com a civilização da riqueza. Não é que se deva fazer uma leitura mecânica do Sermão da Montanha, como se sua letra pudesse substantivar-se e converter-se em lei fixa; é preciso reviver esta leitura a partir do Espírito e da própria situação histórica. Mas o sopro do Espírito de Cristo, renovador e criador, não traz consigo ruptura, olvido, nem mistificação da palavra primigênia e fundadora, porque não há dois Espíritos, nem dois Cristos.

Aqui há de situar-se esse caráter essencial da espiritualidade cristã, que é a opção preferencial pelos pobres e a luta pela justiça (Medellín, Puebla). Consternado o cristão, pela

Continua na terceira capa

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL (CRB)
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / 20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
julho/agosto de 1985

Uma observação ligeira, embora, sobre nossa pessoa e a realidade que nos rodeia nos convence facilmente desta verdade: a aparência de nossa vida caminha para a defecção. **O homem exterior define inexoravelmente.** Este é o ponto-de-vista visível. É o provisório e o transitório. Não penetra, portanto, fundo, a realidade. Apalpa, tão-somente, a superfície. Mas nos impressiona com forte impacto, nada irrelevante.

Você já avaliou a impressão dos primeiros cabelos brancos, da ruga impertinente, da primeira doença, do reiterado cansaço que nos visita, da mancha que denuncia envelhecimento, sobretudo, da saudade e da emoção quando o grande silêncio desaba sobre um amigo, um vizinho, um parente, um companheiro? **O homem exterior define.** A crônica obituária o comprova diariamente. Caminhamos para o desfazimento desta tenda construída por mãos humanas (2 Cor 5, 1), com a percepção lúcida, todavia, de que as cinzas do homem são, também, a sua semente.

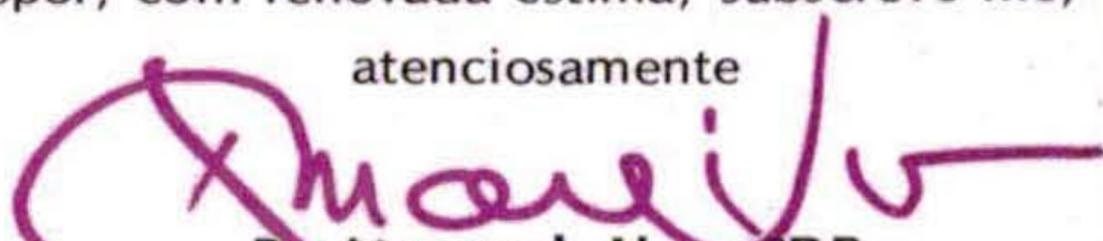
São Paulo, por isso, nos lembra: **"O homem interior se renova, dia a dia. As coisas invisíveis são eternas"** (2 Cor 4, 18). O Pequeno Príncipe parafraseou: "O essencial é invisível". François Mauriac, desvanecido, reconheceu que o coração, embora velho, não tem rugas. **Um forte reclamo para a fé.** A fé tem esta fascinante capacidade de expressar o que a linguagem racional não alcança, ou seja, expressar a utopia do impossível não por sermos capazes mas por iniciativa da bondade e do poder de Deus que realiza o que anuncia. **Com Deus o impossível acontece.** "Animados pelo mesmo espírito de fé, segundo o que está escrito, 'acreditei, por isso, falei', também, nós ACREDITAMOS" (2 Cor 4, 13).

CRER não é, sobretudo, tomar como verdadeiro aquilo que foi revelado. Não é, em consequência, uma questão teológica teórica. A fé está, intimamente, ligada à prática. **A prática identifica o homem de fé.** "Quem CRER em mim fará as obras que Eu faço" (Jo 14, 12). A fé, pois, é verdadeira quando se faz **critério de nosso ser e de nosso agir.** Quando consegue fazer nossa, a vontade de Deus. São João é incisivo: "Filhinhos, não amemos só de palavra e de boca" (1 Jo 3, 18-24).

CRER, portanto, em realidades invisíveis que são duradouras. Viver em consequência desta crença. Preocupar, hoje, com o futuro. Preparar-se para ele. Limpar as lunetas e ver longe o infinito. A fé em JESUS CRISTO e nas verdades situadas neste horizonte é a chave para se transformar. JESUS CRISTO é o mais forte (Mc 3, 20-25). Vencerá e sobreviverá quem estiver do lado dele. Nossos fracassos encontrarão justificativas. Se problemas houver, Ele é a solução. A esperança. Ele é a nossa paz (Ef 2, 14-18).

Sempre ao seu inteiro dispor, com renovada estima, subscrevo-me,

atenciosamente



Pe. Marcos de Lima, SDB
Convergência e Publicações CRB